



Licenciatura em
Terapia da Fala

Tipo de Trabalho
Relatório de Investigação

Título do Trabalho
Resolução de Problemas de Situações do Quotidiano-Relação entre a Cognição e a Comunicação
em Adultos sem patologia, com idades entre os 65 e os 75 anos

Elaborado por
Andreia Carreira Pratas

Nº de estudante
201092244

Orientado por
Ana Paula Vital, Professor-Adjunto, Mestre, Título Especialista em Terapia da Fala

Barcarena, Julho (mês) 2014 (ano)

Resolução de Problemas de Situações do Quotidiano - Relação entre a Cognição e a Comunicação em Adultos sem patologia, com idades entre os 65 e os 75 anos

Andreia Carreira Pratas, 201092244

RESUMO

A resolução de problemas é um processo cognitivo capaz de encontrar soluções para os problemas que surgem no ambiente de forma a satisfazer as necessidades humanas. A análise da população Portuguesa face à resolução de problemas torna-se importante, para melhorar a prática clínica dos profissionais de saúde. **Objectivo:** Caracterizar o desempenho cognitivo, o perfil de nomeação por confrontação visual e a forma como resolvem os problemas do quotidiano em adultos sem qualquer patologia diagnosticada com idades entre os 65 e 75 anos. **Método:** O estudo é do tipo exploratório-descritivo de carácter transversal. Os dados foram recolhidos através de Ficha de Seleção (Costa, Pratas e Vital, 2014), Questionário Sociodemográfico (Vital e Ramos, 2013), *Mini-Mental State Examination* (Folstein, Folstein e McHugh, 1975), Teste de Nomeação de Armstrong (Armstrong, 1996) (TNA), The Butt Non-Verbal Reasoning Test (BNVR) (Butt & Bucks, 2004) e folha de registo das questões orais do BNVR (Vital, 2014). Participaram no estudo 30 adultos, 19 (63,3%) do género feminino e 11 (36,7%) do género masculino, com uma média de idades de 68,23 anos (DP=3,80). **Resultados:** Os participantes no estudo não apresentaram declínio cognitivo, sendo que 20 (66,7%) dos participantes apresentaram um score total de 27 para 7 a mais anos de literacia. Relativamente à capacidade de nomeação por confrontação visual, os tipos de erro que mais ocorreram na resposta espontânea foram: má percepção visual (F=71, 6,06%), parafasia semântica (F=68, 4,8%), não reconhece e autocorrecções/aproximações (F= 28 1,99%). Os resultados face à resolução de problemas de situações do quotidiano, remetem para a dificuldade dos participantes que apresentaram erros na seleção da resposta alvo por terem utilizado as vias semântica e visual. **Discussão/Conclusão:** Verificou-se através deste estudo que a população Portuguesa saudável com idades entre os 65 e 75 anos apresentam dificuldades ao nível da resolução de problemas, sugerindo-se mais estudos nesta área com o objetivo de melhorar as formas de avaliação e de intervenção terapêutica.

Palavras-Chave: Comunicação, Metacognição, Processamento da Linguagem, Aspectos Cognitivos Comunicacionais, Resolução de Problemas.

ABSTRACT

Problem solving is a cognitive process able to find solutions to problems that appear in our environment in order to satisfy human needs. The analysis of this topic relative to the Portuguese populations becomes important to improve the clinic practice of health professionals. **Objective:** Characterize the cognitive performance, profile of visual naming and the form of problem solving in adults without diagnostic pathology, in the ages between 65 and 75 years. **Method:** The study is explorative-descriptive type of transversal character. The data were collected through a Selection Sheet (Costa, Pratas e Vital, 2014), Sociodemographic Questionnaire (Vital e Ramos, 2013), Mini-Mental State Examination (Folstein, Folstein e McHugh, 1975), Naming Test of Armstrong (1996), The Butt Non-Verbal Reasoning Test (BNVR) (Butt & Bucks, 2004) and record sheet of the BNVR oral questions (Vital, 2014). 30 adults participated on the study, 19 (63,3%) were female gender and 11 (36,7%) from the male gender, with an average age of 68,23 years old (DP=3,80). **Results:** The study participants don't show cognitive decline, and 20 (66,7%) of the participants corresponds to the total score of 27 to 7 more years of literacy. Relative to the ability of the visual confrontation naming, the error types that occurred in the most spontaneous response were: poor visual perception (F = 71, 6.06%), paraphasia semantic (F = 68, 4.8%), don't recognize and auto corrections/approaches (F= 28 1,99%) of the errors. The results due to the resolution of problems everyday situations refer to the difficulty of the participants who had errors in the selection of the target response for having used the semantic and visual pathways. **Discussion/Conclusion:** It was verified through this study that healthy Portuguese population between the ages of 65 and 75 years old presents difficulty with problem solving, suggesting that more studies in this area with the aim of improving the forms of assessment and therapeutic intervention.

Keywords: Communication, Metacognition, Language Processing, Communicative Cognitive Aspects, Problem Solving.

1. INTRODUÇÃO

A resolução de problemas é um processo cognitivo que visa atingir um objetivo quando o método não é óbvio para solucionar o problema (Mayer e Wittrock, 1996 citado por O'Neil & Schacter, 1997). Para satisfazer as necessidades humanas é necessário ser capaz de encontrar soluções para resolver os problemas que surgem no ambiente (Butt & Bucks, 2004). De forma a poder resolver os problemas do quotidiano, é necessário ter em conta uma diversidade de fatores cognitivos, agrupados, por Gagné (1985, citado por Neto, 1991), em três categorias de informação: informação conceptual, informação verbal e informação processual. Greeno (1980, citado por Neto, 1991) considera que toda a atividade de resolução de problemas tem por base, dois tipos de conhecimento: o conhecimento de estratégias cognitivas (conhecimento processual) e o conhecimento de conceitos (conhecimento conceptual).

Os domínios metacognitivos e a motivação estão incluídos no processo de resolução de problemas, para além da informação conceptual, processual e verbal acima referida com base no modelo CRESST (Center for Research on Evaluation, Standards, & Student Testing) de resolução de problemas (O'Neil & Schacter, 1997 adaptado a partir dos modelos de Baxter, Elder e Glaser, 1996, Glaser, Raghavan e Baxter, 1992 e Mayer e Wittrock, 1996, Sugrue, 1995). Assim sendo, para ser capaz de solucionar um problema do quotidiano é preciso conhecer a base do problema, possuir estratégias para os solucionar, ser capaz de planear e monitorizar a sua ação em direção à solução do problema (metacognição) e por fim, e não menos importante, é necessário estar motivado para executar essas mesmas estratégias com vista a solucionar o problema em questão. A metacognição caracteriza-se por “qualquer conhecimento ou atividade que toma como seu objeto, ou regula, qualquer aspeto de qualquer iniciativa cognitiva” (Flaveel *et al.*, 1999, p.125 citado por Chahon, 2006). A metacognição é dividida em duas representações, são elas, o conhecimento sobre o conhecimento e a autorregulação. Segundo Ribeiro (2003, p.110) o conhecimento sobre o conhecimento é “deter a consciência dos processos e das competências necessárias para a realização da tarefa”. Esse conhecimento é alcançado através de experiências metacognitivas e da afetividade, que consistem na perceção do grau de sucesso na realização de uma tarefa, estimulando assim o raciocínio consciente e fornecendo conhecimentos acerca do próprio pensamento, permitindo ao indivíduo possuir conhecimentos sobre si próprio, dos fatores ou variáveis da tarefa e da estratégia que

Andreia Carreira Pratas, 201092244

poderão vir a influenciar os resultados dos procedimentos cognitivos. Os processos executivos são essenciais para o desenvolvimento do conhecimento metacognitivo (Lawson, 1984, citado por Ribeiro, 2003), uma vez que é através da operação dos processos executivos desenvolver-se-á a flexibilidade cognitiva e a partir da metacognição resultará o conhecimento metacognitivo. A autorregulação, sendo esta uma representação da metacognição é “a capacidade para avaliar a execução da tarefa e fazer correções, desta forma, controla a atividade cognitiva e os processos executivos que visam avaliar e monitorizar as operações cognitivas” (Ribeiro, 2003 p.110).

A teoria da resolução de problemas nem sempre realçou o papel da motivação (Mayer, 1998). A motivação caracteriza três abordagens, sendo estas, a teoria do interesse, a teoria da autoeficácia e a teoria de atribuição. No que diz respeito à motivação com base na teoria do interesse, Renninger, Hidi & Krapp (1992, citado por Mayer, 1998) referem que existem dois tipos de interesse, o interesse individual e o interesse situacional. O interesse individual refere-se à disposição de execução e das preferências das atividades, assim sendo, é uma característica do indivíduo que visa solucionar o problema. O interesse situacional refere-se ao interesse na tarefa/problema, portanto, diz respeito a uma característica do meio ambiente. Em ambos os casos, o interesse é determinado pela interação quer do indivíduo quer da situação. Mayer (1998) refere que a motivação baseada na autoeficácia caracteriza-se, pela ponderação efetuada pelo indivíduo das suas capacidades para realizar uma determinada tarefa. Por fim, quanto à motivação com base em atribuições, esta teoria revela que os indivíduos atribuem causas para os sucessos ou fracassos relativamente à resolução dos seus problemas.

A informação verbal é uma categoria importante para o processo de resolução de problemas e tem em conta duas formas de conhecimento, sendo este o conhecimento factual e a linguagem. O conhecimento factual cumpre uma função determinante na resolução de problemas, na medida em que, complementa-se com o conhecimento conceptual (Neto, 1991). Este último é essencial para a compreensão e descodificação da natureza do problema. Quanto à linguagem, esta também é um ponto importante para a resolução de problemas. A fase inicial do desenvolvimento da linguagem é dominante na vertente comunicativa, ou seja, nessa fase a linguagem é essencialmente interpessoal. Quando a criança atinge o seu máximo de desenvolvimento intelectual a linguagem, para além de ter como função interpessoal, passa a desempenhar, também, uma função intrapessoal. Na

função intrapessoal “o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional” (Vygotsky, 1979, citado por Neto, 1991). Assim sendo, a linguagem influencia a atividade de resolução de problemas, uma vez que esta atividade implica recorrer a formas elaboradas e abstratas do pensamento.

É através do processamento da informação que podemos aceder à memória, esta representa um paradigma do processamento da informação (Newell e Simon 1972, Gagne 1985 citado por Neto, 1991). Encontra-se dividida em duas vertentes: a memória a curto prazo, sendo responsável pela função de armazenar temporariamente informação e processá-la e a memória a longo prazo, que é responsável pelo armazenamento de todo o conhecimento previamente aprendido (Neto,1991). Diversos modelos têm procurado descrever o processamento da informação ao nível da nomeação, sendo que esta variável poderá ter influência de forma a identificar a razão dos diversos tipos de erros que existem quando executado o processo de resolução de problemas. No Modelo de Processamento da Linguagem (MPL) (Castro, Caló e Gomes, 2007, traduzido e adaptado de Kay, Lesser e Coltheart, 1992) o processo de nomeação necessita um sistema responsável pelo reconhecimento de objetos ou imagens. Este mesmo sistema de reconhecimento visual de objetos é responsável pelo cruzamento dos traços visuais do estímulo e as suas propriedades estruturais existentes nesse sistema o que leva conseqüentemente, ao seu reconhecimento (Castro, Caló e Gomes, 2007 citado por Vieira, 2012). Após este reconhecimento, o respetivo significado é ativado no sistema semântico, permitindo a recuperação da palavra falada no léxico fonológico de saída e a retenção temporária no *buffer* fonológico de saída, de modo a ser posteriormente produzida (Morais, 2009 citado por Vieira, 2012).

As competências sociais de um indivíduo, também vão influenciar a forma como estes podem vir a resolver os problemas que ocorrem no seu dia-a-dia. Assim, de acordo com Matos (2008, citado por Monteiro, 2011), as competências sociais pressupõem a perceção e a compreensão do mundo social, a integração da informação e a execução da resposta. Quando existe uma diminuição destas competências, poderá haver relação com a identificação do problema, tendo em atenção os aspetos perceptivos, emocionais e motivacionais, a identificação dos objetivos, a tomada de decisão e execução para solucionar o problema. Neste último, temos que ter em atenção aspetos emocionais, motivacionais e comportamentais do indivíduo. Qualquer anomalia nestas fases, irá

influenciar as habilidades cognitivas, estas têm em atenção, comportamentos que sugerem aspetos cognitivo-afetivos, aspetos fisiológicos e físicos e, uma comunicação eficaz e assertiva (Del Prette & Del Prette, 1999, Murta, 2005, citados por Monteiro, 2011).

O Terapeuta da Fala (TF) é um profissional de saúde que atua na reabilitação de indivíduos com dificuldades ao nível da resolução de problemas que podem estar presentes em diferentes patologias e diferentes faixas etárias, tendo por base o comprometimento dos aspetos cognitivos-comunicacionais. (ASHA, 2013).

O Terapeuta da Fala possui como competências na sua prática clínica e deverá demonstrar conhecimentos ao nível da articulação, fluência, voz e ressonância, incluindo respiração e fonação, linguagem recetiva e expressiva (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática), comunicação pré-linguística e comunicação paralinguística, deglutição (oral, faringe, esófago, e funções relacionadas, incluindo função oral para a alimentação, motricidade orofacial), ao nível dos aspetos sociais da comunicação (incluindo comportamento desafiador, habilidades sociais pouco eficazes e falta de oportunidades de comunicação) e por último ao nível dos aspetos cognitivos da comunicação, sendo estes a atenção, memória, realização de sequências, funções executivas e resolução de problemas (ASHA, 2013).

Segundo ASHA (1998, citado por ASHA, 2003) existem algumas etiologias referenciadas para serem encaminhadas para a terapia da fala na área da terapia cognitiva-comunicacional tanto para crianças como em adultos. Assim sendo, ao nível das crianças podemos identificar etiologias como o autismo, paralisia cerebral, distúrbios craniofaciais (por exemplo, lábio leporino e fenda palatina) e questões da articulação funcional e/ou desvio fonológico. Estas etiologias apresentam potenciais consequências como dificuldade em expressar necessidades ou informações de rotina de forma inteligível, dificuldade para comunicar de forma inteligível tendo em consideração o nível de independência esperado para a idade, dificuldade em expressar sentimentos podendo desta forma, estar em risco de frustração ou depressão havendo um maior perigo quando confrontado com uma situação perigosa ou até mesmo dificuldade em pedir ajuda a um par, devido à dificuldade de comunicação inerente. Quanto aos adultos, podemos referir a doença de Alzheimer, tumores cerebrais e traumatismos crânio encefálicos. Este tipo de etiologias apresentam potenciais consequências como: reduzida consciência e capacidade de iniciar e comunicar eficazmente as necessidades; reduzida consciência do seu grau de dificuldade, ou seja, a

Andreia Carreira Pratas, 201092244

perda da capacidade de avaliar a sua própria eficácia na comunicação; memória reduzida e perda do bom senso e da capacidade de iniciar e realizar eficazmente trocas de informações de rotina; dificuldades de executar de forma eficaz as atividades de gestão de estilo de vida diária, ou seja, pagar contas; capacidade reduzida de antecipar potenciais consequências, com o julgamento razoável e resolução de problemas, dificuldades nas habilidades e /ou capacidade de gerir as emoções, muitas vezes causando a perda de relações na comunicação social e a interrupção da capacidade de cumprir os papéis educacionais ou de formação profissional, incluindo a perda potencial de emprego.

A avaliação realizada pelo TF neste tipo de casos é do tipo cognitiva-comunicacional, tendo por base procedimentos para avaliar os prejuízos cognitivos-comunicacionais, delineando os pontos fortes, os fatores relacionados com os défices ao nível da comunicação funcional e os componentes relacionados com a linguagem, como por exemplo ao nível da semântica e pragmática, a fim de maximizar e potencializar a funcionalidade e autonomia dos indivíduos, garantido a sua segurança e combatendo as alterações que influenciam negativamente a comunicação (ASHA,1997 citado por ASHA 2003)

A neuropsicologia pode dar o seu contributo nesta área, a avaliação neuropsicológica pode fornecer uma componente de reabilitação do potencial cognitivo e disfunção emocional, nos casos etiológicos, pós acidente vascular cerebral, tumor cerebral ou outros tipos de disfunção neurológica central (ASHA, 2003). Tanto os TF como os Neuropsicólogos podem prestar serviços para ajudar os pacientes através da aprendizagem de novas estratégias de forma a compensar as deficiências cognitivas adquiridas ou a modificar tarefas e exigências ambientais para aumentar a participação do paciente.

Ao nível da intervenção, o intuito primordial é o desenvolvimento de estratégias compensatórias de memória, estratégias formais de resolução de problemas e sua aplicação em atividades funcionais e, ainda, melhorar a atenção em diferentes níveis de complexidade. Desta forma, poderá recorrer-se a pistas verbais e não-verbais para auxiliar os indivíduos na compreensão de diferentes níveis de informações e poder-se-á realizar atividades de compreensão de leitura e de desenvolvimento da linguagem. Assim sendo, esse desenvolvimento poderá passar pelo processo de nomeação, neste caso, por confrontação visual, que deste modo envolve o processamento da informação visual no córtex occipital, nas áreas primárias e nas áreas de associação e a realização da resposta de expressão oral no córtex da ínsula e na área de Broca (Caldas, 2000). Tendo em conta o

Andreia Carreira Pratas, 201092244

processo de nomeação, estudo anteriores relativos à nomeação por confrontação visual afirmam que os erros de nomeação com maior percentagem de ocorrência foram as parafasias semânticas, os erros de má percepção visual e de não reconhecimento e a ausência de resposta (Vieira, 2012). As parafasias semânticas caracterizam o processo de nomeação do idoso e a realização dos erros de má percepção visual, de não reconhecimento e a ausência de resposta devem-se às características da imagem, bem como à complexidade visual do estímulo (Alário *et al.*, 2004; Miranda, Pompéia e Brueno, 2004; Pinto, 2008 citado por Vieira, 2012) e à cultura da população idosa portuguesa (Vieira, 2012). Erros como má percepção visual em determinados estímulos no teste TNA sugerem falta de coerência entre a imagem e a representação canónica na cultura da população Portuguesa (Alário *et al.*, 2004 citado por Vieira, 2012). Estudo anteriormente realizados como Vital *et al.*, (1997), Ferreira (1998) e Amado (2006) citado por Vieira (2012) afirmam que os participantes beneficiam mais das ajudas semântica do que as fonémicas, contudo, Obler e Pekkala (2008) citado por Vieira (2012) contraria esta afirmação defendendo de que o idoso beneficia mais das ajudas fonémicas do que das ajudas semânticas.

Relativamente aos estímulos nomeados correctamente deve-se ao facto dos conceitos serem familiares para os participantes (Cuetos, Ellis e Alvarez, 1999 e Miranda, Pompéia e Bueno, 2004 citado por Vieira, 2012) e o facto de os seus nomes serem utilizados frequentemente pelos idosos portugueses (Cuetos, Ellis e Alvarez, 1999; Stivanin e Scheuer, 2005; Pinto, 2008 citado por Vieira, 2012).

O processo de nomeação também poderá ser influenciado relativamente ao nível de escolaridade e ao estado cognitivo do interveniente. Assim sendo, Ferreira (1998, citado por Vieira, 2012) identificou uma correlação positiva fraca ($p=0,369$) para os idosos com mais escolaridade obterem melhores desempenhos de nomeação e uma correlação positiva moderada ($p=0,574$) para os idosos com valores mais elevados no MMSE (Guerreiro *et al.*, 1994) obterem melhores desempenhos de nomeação. O MMSE tem um tempo de aplicação entre 5 a 10 minutos a administrar (Lezak *et al.*, 2004; Constâncio, 2008 citado por Cardoso, 2010)

A resolução de problemas aplicada em indivíduos com dificuldades de comunicação pode depender mais da cognição intacta e compreensão do que a capacidade de se expressar através da fala ou da escrita (Butt e Bucks, 2004). Por exemplo, uma pessoa capaz de

identificar um objeto ou imagem e nomear um copo ou uma caixa de tecidos, pode não ser capaz de indicar esses itens para satisfazer uma necessidade, sendo que a pessoa não é capaz é conceber uma hipótese de resolução para determinado problema. Assim sendo, o Teste BNVR- The Butt Non-Verbal Reasoning Test (Butt e Bucks, 2004) avalia essa mesma componente de resolução de problemas neste caso através de identificação da imagem que melhor resolve a situação problemática apresentada. O estudo de Butt e Bucks (2004) visou aplicar o teste BNVR a pessoas saudáveis de forma a posteriormente vir a controlar o estudo para uma população de pacientes com Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC). Foram introduzidos no estudo cerca de 83 participantes sem qualquer tipo de patologia com idades compreendidas entre os 27 e os 89 anos. Posteriormente à aplicação do teste BNVR, concluíram que os participantes saudáveis acertaram em 100% das dez imagens aplicadas que suscitavam a resolução de problemas (Butt e Bucks, 2004). Sendo que comparando os indivíduos sem qualquer patologia (N1) e os indivíduos com AVC (N2) existiu uma diferença muito significativa nos resultados do BNVR.

Este estudo incide na população saudável, sendo um contributo para o processo de validação do teste BNVR para a população Portuguesa.

A questão orientadora desta investigação é “De que forma é que os adultos com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos, sem qualquer patologia diagnosticada, resolvem os problemas que podem ocorrer na vida quotidiana?”. Este estudo tem como objetivos:

- 1- Caracterizar o desempenho cognitivo em adultos sem qualquer patologia diagnosticada com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos;
- 2- Caracterizar o perfil de nomeação por confrontação visual dos adultos sem qualquer patologia diagnóstica com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos;
- 3- Caracterizar a forma como resolvem os problemas do quotidiano, adultos sem qualquer patologia diagnosticada com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos.

2. MÉTODO

2.1. Tipo de Estudo

Este estudo é exploratório-descritivo de carácter transversal. É exploratório-descritivo, uma vez que o objetivo é descrever e caracterizar a forma abordada para a resolução de problemas recorrendo a aspetos cognitivos-comunicacionais. É de carácter transversal, uma vez que visa examinar uma população num dado momento.

2.2. Amostra

A amostra para o presente estudo é do tipo não probabilística, por rede ou denominada de “bola de neve”. Esta técnica remete para a seleção dos participantes através de passagem de informação acerca do estudo entre indivíduos atendendo ao seu círculo de amigos e familiares. Foram contactadas 38 pessoas, tendo 30 pessoas participado no estudo em questão, correspondendo a uma taxa de adesão de 79%.

Como variáveis de inclusão para este estudo, considerou-se adultos com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos. Como variáveis de exclusão fazem parte, o possuir doenças neurológicas, ter perturbações ao nível da saúde mental, ter défice cognitivo e frequentar sessões de terapia da fala, devido à linguagem estar comprometida. As variáveis de controlo estabelecidas foram a acuidade auditiva e visual, o nível de linguagem semântica dos participantes, o facto de ser terapeuta da fala e estudante de terapia da fala.

Dos 30 indivíduos que integraram a amostra (Tabela 1), 19 (63,3%) são do sexo feminino e 11 participantes (36,7%) são do sexo masculino, com uma média de idades de 68,23 anos (DP=3,80). Todos os participantes são de nacionalidade portuguesa, apresentando desta forma como língua materna o Português Europeu. Quanto à naturalidade, 9 (30%) dos participantes são naturais da região norte e centro do País, 7 (23,3%) pertencem à região do Alentejo e 6 (16,7%) são da região de Lisboa. Os concelhos de residência dos 30 participantes são: 9(63,3%) de Vila Franca de Xira, 7 (23,3%) de Lisboa, 2 (6,7%) da Azambuja e Loures. Relativamente à lateralidade dos participantes, 30 (100%) são caracterizados como destros. Quanto à escolaridade 19 (63,3%) participantes possuem o 1º Ciclo, sendo que 7 (23,3%) dos participantes têm o 2º Ciclo, 3 (10%) corresponde ao 3º Ciclo e 1 (3,3%) dos participantes possui o nível secundário. Tendo em conta a profissão, todos os participantes são reformados, sendo que a ocupação de doméstica surge como das mais frequentes nesta amostra, correspondendo a 10 (33,3%) participantes

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da amostra (N=30)

Variável		F (%)	M (DP)	Min-Max	
Género	Feminino	19 (63,3)	-	-	
	Masculino	11 (36,7)			
Idade	-	-	68,23 (3,803)	65 - 75	
Naturalidade	Norte	9 (30)	-	-	
	Centro	9 (30)			
	Alentejo	7 (23,3)			
	Lisboa	5 (16,7)			
Concelho de Residência	Vila Franca de Xira	19 (63,3)	-	-	
	Lisboa	7 (23,3)			
	Azambuja	2 (6,7)			
Lateralidade	Loures	2 (6,7)			
	Destro	30 (100)			
Habilitações Literárias	1º Ciclo	19 (63,3)	-	-	
	2º Ciclo	7 (23,3)			
	3º Ciclo	3 (10)			
	Secundário	1 (3)			
Profissão (Classificação Portuguesa Profissões, 2010)	91- Trabalhadores de limpeza	8 (26,7)			
	52- Vendedores	5 (16,7)			
	71- Trabalhadores qualificados da construção e similares exceto eletricista	3 (10)			
	51- Trabalhadores dos serviços Pessoais	2 (6,7)			
	41- Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados	2 (6,7)			
	53- Trabalhadores dos cuidados pessoais e similares	01- Oficial das Forças Armadas	1 (3,3)		
	22- Profissionais de Saúde	42- Pessoal de apoio direto a clientes	1 (3,3)		
	72- Trabalhadores qualificados da metalúrgica, metalomecânica e similares	1 (3,3)			
	83- Condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis	1 (3,3)			
	93- Trabalhadores não qualificados da indústria extrativa, construção, indústria transformadora e transportes	1 (3,3)			
	96- Trabalhadores dos resíduos e de outros serviços elementares	1 (3,3)			

De acordo com a Classificação Portuguesa de Profissões (CPP), 2010 podemos afirmar que 8 (26,7%) dos participantes são trabalhadores da limpeza, segue-se 5 (16,75) dos participantes cuja profissão caracteriza-se como vendedor. Com uma menor percentagem face às profissões existentes, correspondendo a 1 (3,3%) dos participantes, temos: oficial das forças armadas, os profissionais de saúde, o pessoal de apoio direto a clientes, os

Andreia Carreira Pratas, 201092244

trabalhadores qualificados da metalúrgica, metalomecânica e similares, os condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis, os trabalhadores não qualificados da indústria extrativa, construção, indústria transformadora e transportes e os trabalhadores dos resíduos e de outros serviços elementares.

Quanto às condições de saúde dos participantes, referidas na tabela 2 podemos constatar que 21 (70%) participantes referem que a sua audição encontra-se normal. Enquanto 9 (30%) participantes referem que a sua audição está alterada, 4 (13,3%) classificam-na como perda auditiva ligeira e 3 (10%) dos participantes utilizam próteses auditivas. Quanto às questões a nível visual, 27 (90%) participantes referem que possuem a visão alterada, sendo que 22 (73,3%) classificam-na como perda visual ligeira e 4 (14,7%) participantes utilizam óculos para corrigir esta dificuldade.

Tabela 2. Condições de saúde da amostra (N=30)

Variável		F (%)
Audição	Normal	21 (70)
	Alterada	9 (30)
Tipo de Alteração auditiva (n=9)	Perda Auditiva Ligeira	4 (13,3)
	Perda Auditiva Moderada	3 (10)
	Perda Auditiva Grave	2 (6,7)
Uso de Prótese auditiva (n=9)	Não	6 (20)
	Sim	3 (10)
Visão	Alterada	27 (90)
	Normal	3 (10)
Tipo de Alteração Visual (n=27)	Perda Visual Ligeira	22 (73,3)
	Perda Visual Moderada	4 (13,3)
	Perda Visual Grave	1 (3,3)
Uso de Óculos (n=27)	Sim	24 (80)
	Não	3 (30)

2.3. Instrumentos de recolha de dados

Para a concretização da recolha de dados foram utilizados seis instrumentos: Ficha de Seleção (Costa, Pratas e Vital, 2014) presente em apêndice A, que visa auxiliar na escolha dos participantes que poderão vir a fazer parte da amostra, o Questionário Sociodemográfico (Vital e Ramos, 2013) (Anexo A), tendo como objetivo a caracterização da amostra. Este contém na sua constituição dois tópicos, o primeiro com informações gerais do inquirido, como o género, a idade, a naturalidade, língua materna, nível de escolaridade, entre outros e o segundo visa saber de modo geral informações sobre a condição de saúde dos inquiridos.

O terceiro instrumento utilizado, foi o Teste Mini Mental State Examination (MMSE) (Folstein e McHugh, 1975, traduzido por Guerreiro, Silva, Botelho, Leitão, Caldas e Garcia, 1994) (Anexo B), tendo em conta a utilização dos dados normativos dos autores Morgado *et al.* (2009). De acordo com Morgado *et al.* (2009) o MMSE avalia as funções cognitivas de uma forma integral, desta forma considerou-se importante a aplicação desta prova, de forma a analisar a presença de declínios cognitivos numa população com idades compreendidas entre os 65 e 75. Este teste é constituído por trinta questões, com atribuição de um ponto a cada questão, divididas em seis domínios cognitivos, como: a orientação; a retenção; a atenção e cálculo; a evocação e por último, o domínio da linguagem é constituído por dois itens de nomeação, um de repetição de frase, três de compreensão de ordens verbais, um de compreensão de ordem escrita e um de escrita espontânea de uma frase. Morgado, Rocha, Maruta, Guerreiro e Martins (2009) determinaram novos valores normativos em que se constata, a presença de défice cognitivo quando idosos com escolaridade igual ou inferior a 2 anos obtêm uma pontuação inferior a 22, com escolaridade entre 3 a 6 anos obtêm pontuação inferior a 24 e com escolaridade igual ou superior a 7 anos obtêm pontuação inferior a 27 (Morgado, *et al.*, 2009).

O Teste de Nomeação de Armstrong (TNA) (Armstrong, 1996 traduzido e adaptado para Português Europeu por Vital, Bom, Rasquilha e Ferreira, 1997) (Anexo C). Vieira (2012) refere que segundo Vital *et al.*, (1997), o teste é utilizado para avaliar a função de nomeação dos idosos, tendo em conta os critérios de diagnóstico, distinguindo o idoso com afasia, do idoso com Doença de Alzheimer e da população idosa saudável. Durante a aplicação do teste é pedido ao examinado que nomeie as 50 imagens, só se for necessário é que lhe é fornecida uma ajuda (Ferreira, 1998 citado por Vieira, 2012). Quando a pessoa erra na nomeação, o examinador regista a resposta e fornece ao examinando uma ajuda semântica pré-estabelecida. Caso volte a errar na nomeação da mesma imagem, é fornecida então uma ajuda fonémica. Todas as respostas corretas são cotadas de (1) e as erradas de (0). O tempo de aplicação do teste é ilimitado (Armstrong, 1996 citado por Vieira, 2012), o teste será interrompido quando a pessoa errar a nomeação da imagem após terem sido dadas ambas as ajudas. O registo deverá ser feito tendo em conta a análise do tipo de erro, considerando os parâmetros de análise utilizados por Vieira, 2014 (Anexo D). Os parâmetros de análise englobam: nomeação espontânea; resposta com ajuda semântica; resposta com ajuda fonémica; parafasias, sendo divididas em parafasia verbal (troca de palavra na produção oral, sendo impossível identificar a sua relação quanto à forma e ao

Andreia Carreira Pratas, 201092244

conteúdo, Ortiz, 2005 citado por Vieira, 2012), parafasia fonémica (substituição de sons, mantendo-se a palavra produzida semelhante à pretendida, Martins, 1997; Cardoso, 2010 citado por Vieira, 2012) e parafasia semântica (troca de uma palavra por outra, estando as duas relacionadas semanticamente, Ortiz, 2005 citado por Vieira, 2012); superordenação, circunlóquio, perseveração, palavras debaixo da língua, neologismo, não reconhece, má percepção visual (O erro deve-se a má percepção visual e não a dificuldades de acesso lexical, Coutinho, 2005; Cardoso, 2010 citado por Vieira, 2012); não responde, pausa anômica com resposta correta, pausa anômica sem resposta correta e autocorreção: aproximações (Vieira, 2012). Assim sendo, este teste serviu para avaliar o desempenho dos participantes ao nível da nomeação de imagens por confrontação visual.

O teste BNVR- The Butt Non-Verbal Reasoning Test (Butt e Bucks, 2004, traduzido e adaptado para o Português Europeu por Vital & Ramos, 2013) (Anexo E) é um teste que permite realizar a avaliação dos participantes face à resolução de problemas de situações do quotidiano. Os estímulos deste teste são visuais sendo, que o participante perante uma imagem de uma ação-situação problema terá que escolher uma solução (de entre quatro imagens propostas) para resolver os problemas. A aplicação do teste requer no máximo 15 minutos (Butt & Bucks, 2004). É composto com um conjunto de 11 fotografias coloridas, sendo o primeiro item, de treino e os outros dez referentes ao teste (Butt & Bucks, 2004). Os itens do teste são compostos por uma fotografia principal que reporta um problema de uma situação do quotidiano, cujas hipóteses de solução só serão mostradas depois de o sujeito ter visualizado, durante cerca de 5 segundos a fotografia. Relativamente às fotografias com as hipóteses, são apresentadas as quatro ao mesmo tempo, sendo que, apenas uma é solução e as outras três são distractores (visuais, semânticos e não relacionados). É pedido ao sujeito que aponte qual das fotografias resolve o problema da fotografia com situação problemática que pode acontecer no dia-a-dia, não podendo ser dado nenhuma outra instrução durante a sua aplicação, de modo a não influenciar o participante. As respostas corretas são cotadas de (1), sendo que posteriormente realizar-se-á uma análise dos tipos de erros ocorridos. Este teste será aplicado de forma a avaliar a eficácia na resolução de problemas através da comunicação não-verbal em adultos saudáveis.

A partir do teste anteriormente referido (BNRV -The Butt Non-Verbal Reasoning Test), foi denotada a importância de analisar o processamento metacognitivo dos participantes face à resolução de problemas. Assim sendo, com vista a analisar o raciocínio que o indivíduo realizou aquando aplicado o teste BNRV para solucionar os problemas do quotidiano que lhe eram apresentados, foi construído um instrumento de registo das respostas dos indivíduos por Vital (2014) que apresentam questões como: “Tente recordar-se o que pensou para esta imagem. Como resolveu o problema/encontrou a solução?” e “Teria outra resposta para resolver a situação?” (Anexo F).

2.4. Procedimentos

O presente estudo, foi levado a cabo em várias fases, respeitando a ordem dos procedimentos que se perspectivaram para desenvolver esta investigação. Assim os instrumentos selecionados para esta investigação tiveram como intuito responder aos objetivos propostos inicialmente e, para isso foram necessárias adaptações de acordo com o tema do estudo. Desta forma foram selecionados e construídos alguns instrumentos para este estudo, assim sendo, são eles: Ficha de Seleção, Consentimento Informado (Apêndice B), Questionário Sociodemográfico e Folha de Registo das Questões Orais do BNVR que foram sujeitos a pré-teste, o que após aprovação, permitiu o início o contacto com os participantes.

Seguiu-se a fase de recolha de dados, sendo preenchida inicialmente a ficha de seleção de forma a detetar se os indivíduos foram incluídos ou excluídos no estudo, de seguida seguiu-se o contacto pessoal com os participantes de modo a ser explicado o estudo e todos os objetivos inerentes a este. Caso o inquirido aceitasse participar no estudo, era solicitado que assinasse o Consentimento Informado. Após o seu consentimento, foi preenchida a ficha de caracterização sociodemográfica e aplicou-se os instrumentos estipulados pela respetiva ordem: o MMSE (Folstein e McHugh, 1975, considerando a utilização dos dados normativos dos autores Morgado *et al.*, 2009), TNA (Armstrong, 1996, traduzido e adaptado por Vital *et al.*, 1997), BNVR (Butt e Bucks, 2004 traduzido e adaptado para Português Europeu por Vital e Ramos, 2013) e folha de registo das questões orais do BNVR (Vital, 2014).

Nos testes TNA e BNVR foi necessária a gravação áudio para analisar as respostas, sendo o preenchimento dos instrumentos da responsabilidade da investigadora. Quanto ao tempo de

aplicação dos instrumentos, o MMSE demora entre 5 a 10 minutos a administrar (Lezak *et al.*, 2004; Constâncio, 2008 citado por Cardoso, 2010). Neste estudo o tempo de aplicação do MMSE apresenta uma média 6 minutos e 11 segundos (DP=1,02) de aplicação variando entre o mínimo, 4 minutos e 50 segundos e máximo de 8 minutos e 30 segundos.

Relativamente ao TNA, a administração deste teste é de tempo ilimitado (Armstrong, 1996 citado por Vieira, 2012), sendo que a média do tempo de aplicação deste instrumento, neste estudo a média é de cerca 7 minutos e 54 segundos (DP= 1,49), tendo um mínimo de 6 minutos e 08 segundos e máximo de 8 minutos e 47 segundos. É importante lembrar que a amostra neste estudo é população saudável, sendo que os erros existentes neste teste são de menor frequência que em população com patologia.

Relativamente ao último instrumento o tempo de aplicação foi dividido em não-verbal e verbal. O primeiro instrumento requer no máximo 15 minutos de aplicação (Butt & Bucks, 2004), sendo que neste estudo apresenta uma média de 5 minutos e 13 segundos (DP=0,78) variando entre 3,34 minutos e 6,27 minutos. O segundo instrumento referente ao BNVR, com vista a analisar o processamento metacognitivo dos participantes face à resolução de problemas oral, apresenta um tempo médio de aplicação de 5,55 (DP= 1,30) minutos, os mínimos e máximos variam entre os 3,32 e os 8,16 minutos.

Considerando o tempo total de aplicação de todos os instrumentos deste estudo, tem em conta uma média 23 (DP=2,24) minutos e os mínimos e máximos variam entre 19 minutos e 7 segundos e os 27 minutos e 3 segundos, sendo que o tempo estipulado inicialmente para a aplicação dos instrumentos seria entre os 20 a 30 minutos de aplicação.

Para realizar o tratamento de dados, foi necessário a construção de uma base de dados, utilizando o *Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20. Foi feita a análise estatística descritiva, com elementos de distribuição de frequência, medidas de tendência central (média, desvio padrão) e medidas de dispersão (mínimos e máximos). As variáveis em análise são maioritariamente do tipo qualitativa nominal correspondendo há maioria dos dados da ficha de caracterização sociodemográfica, do tipo qualitativa ordinal, relativamente aos scores do teste MMSE e às condições de saúde da amostra e do tipo quantitativa.

É de salientar que a informação recolhida serviu exclusivamente para investigação, garantindo os termos de confidencialidade e anonimato dos participantes, tendo sido

atribuído um código a cada participante, composto por quatro números, estando presentes em todos os instrumentos utilizados para protegê-los de quaisquer prejuízos físicos e morais.

3. RESULTADOS

De forma a averiguar se a amostra se encontrava dentro dos parâmetros normativos face ao declínio cognitivo, aplicou-se o teste MMSE (Tabela 3). Os participantes, neste estudo, obtiveram, um score médio de 26,8 (DP=1,972). Foi possível observar que cerca de 10 (33,3%) participantes apresentaram um score de 28, os restantes obtiveram um score de 22 correspondendo a 3 (10%) participantes, 2 (3,3%) participantes com um score 25, 5 (16,7%) dos participantes com um score de 26, com um score de 27 correspondendo a 6 (20%) dos participantes e com um score de 29 perfazendo 4 (13,3%) dos participantes. Relativamente os valores de “corte” face à população Portuguesa, podemos referir que 20 (66,7%) dos participantes corresponde a 27 para 7 a mais anos de literacia, seguindo-se com 7 (23,3%) dos participantes face a 24 para 3 a 6 anos e literacia e 3 (10%) dos participantes corresponde a 22 para 0 a 2 anos de literacia.

Deste modo, considera-se que a nível de declínio cognitivo não existem alterações e assim, todas as pessoas que se disponibilizaram para participar no estudo foram incluídas na amostra.

Tabela 3. Mini Mental State Examination (MMSE) (N=30).

Variável	F (%)	M (DP)	Min-Max
Total (Score)		26,8 (1,972)	22-29
22	3 (10)		
25	2 (6,7)		
26	5 (16,7)		
27	6 (20)		
28	10 (33,3)		
29	4 (13,3)		
Valores de “corte”		-	-
22 para 0 a 2 anos	3 (10)		
24 para 3 a 6 anos	7 (23,3)		
27 para 7 a mais anos	20 (66,7)		

Quanto à capacidade de nomeação, a partir das imagens do Teste de Nomeação de Armstrong (Apêndice C), podemos dizer que 11 (22%) dos itens foram nomeados espontaneamente pelos participantes no estudo, correspondendo às imagens como: copo, chapéu, gato, peixe, pera, escada, barril, coelho, guitarra, elefante e cobra. Atendendo ao número de respostas incorretas mais frequentes na nomeação espontânea, ao nível da imagem, podemos referir: corrente (19; 63,3%), seta (19; 63,3%), papagaio de papel (18; 60,0%), Andreia Carreira Pratas, 201092244

60%), prego (14; 46,7%), boneco de neve (14; 46,7%), canguru (14; 46,7%), sandes (11; 36,7%), anel (8; 26,7%), torradeira (8; 26,7%) e trenó (4; 13,3%). Quanto os estímulos em que os indivíduos menos beneficiaram, após dada a ajuda semântica foram: camisa, envelope, maçã, cachimbo, corrente, chave de fendas, cogumelo, mocho, camelo e papagaio de papel correspondendo respetivamente a zero respostas corretas. Após facultada a ajuda fonémica, as imagens onde se obteve menos sucesso ao nível de nomeação foram nomeadamente: camisa e saia como zero respostas corretas seguindo-se do estímulo régua correspondendo a 1 (20%) resposta correta

Foi também analisado os tipos de erro mais frequentes por imagem em função da modalidade de resposta - resposta espontânea (RE), resposta após ajuda semântica (RAS) e resposta após ajuda fonémica (RAF) (Ver apêndice D). Os tipos de erros mais frequentes ao nível da resposta espontânea foram: má perceção visual (MPV) nomeadamente em imagens como trenó 13 (43,3%), prego e torradeira (9; 30%), boneco de neve (7; 23,3%) e coroa (6; 20%); parafasia semântica (PS) correspondendo a imagens como anel (12; 40%) e sandes (9; 30%); não reconhece (NRc) tendo em conta imagens como anel (6; 20%) e trenó (5; 16,7%); não responde (NRp) correspondendo à imagem trenó (6; 20%).

Quanto ao tipo de resposta após ajuda semântica, as imagens onde ocorreram mais erros foram: parafasia semântica (PS) corresponde a imagens como trenó (10; 38,5%) e torradeira (4; 21,1%); não responde (NRp) face a imagens como boneco de neve (7; 50%), trenó (6; 23,1%), seta (5; 50%), sandes (4; 23,5%), corrente (4; 80%), prego (4; 28,6%) e régua (4; 66,7%); má perceção visual (MPV) corresponde à imagem da torradeira (5; 26,3%); não reconhece (NRc) tendo em conta a imagem papagaio de papel (4; 44,4%).

Por fim, na modalidade de resposta após ajuda fonémica, os erros mais frequentes foram: não responde (NRp) correspondendo às imagens papagaio de papel (4; 50%), trenó (4; 17,4%), régua (3; 60%) e boneco de neve (3; 33,3%); parafasia semântica correspondendo à imagem camisa (3; 60%).

O perfil global do tipo de resposta de nomeação (tabela 4), relativamente ao tipo de resposta espontânea, os erros mais frequentes passam por: má perceção visual (MPV) (71; 6,06%), parafasia semântica (PS) (68; 4,8%), não reconhece (NRc) e autocorrecções: aproximações (AC) (28; 1,99%). Quanto à resposta após ajuda semântica, os erros mais frequente foram a não resposta (NRp) (55; 3,92%) e a parafasia semântica (PS) (32; 2,28%), assim como na resposta após ajuda fonémica com 22 (1,56%) de respostas o tipo

de erro não responde (NRp) e com 6 (0,43%) das respostas correspondendo aos erros parafasia semântica (PS) e parafasia verbal (PV).

Tabela 4. Perfil Global do Tipo de Resposta de Nomeação- Resposta Espontânea (RE), Resposta após Ajuda Semântica (RAS) e Resposta após Ajuda Fonémica (RAF) (N=30)

Tipo de Respostas	RE F (%)	RAS F (%)	RAF F (%)	Total F (%)
Número de Respostas Corretas (1500)	1231 (87,8)	82 (5,8)	90 (6,4)	1403 (100)
Parafasia Semântica (PS)	68 (4,8)	32 (2,28)	6 (0,43)	106 (7,6)
Superordenação (superordinante) (S)	1 (0,07)	0 (0)	0 (0)	1 (0,07)
Circunlóquio (C)	8 (0,57)	4 (0,28)	1 (0,07)	13 (0,93)
Perseveração (P)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Palavras Debaixo da Língua (PDL)	13 (0,93)	14 (0,99)	1 (0,07)	28 (1,99)
Parafasia Fonémica (PF)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Neologismo (N)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Parafasia Verbal (PV)	11 (0,78)	4 (0,28)	6 (0,43)	21 (1,49)
Não Reconhece (NRc)	28 (1,99)	12 (0,85)	3 (0,21)	43 (3,06)
Má Perceção Visual (MPV)	71 (5,06)	10 (0,71)	1 (0,07)	82 (5,84)
Não Responde (NRp)	18 (1,2)	55 (3,92)	22 (1,56)	95 (6,77)
Autocorreção: aproximações (AC)	28 (1,99)	2 (0,14)	0 (0)	30 (2,14)
Pausa Anômica com Resposta Correta (PA c/ RC)	21 (1,5)	4 (0,28)	1 (0,07)	26 (1,85)
Pausa Anômica sem Resposta Correta (PA s/ RC)	2 (0,14)	0 (0)	0	2 (0,14)
Total de Erros	269 (60,2)	137 (30,6)	41 (9,17)	447 (100)

No teste The Butt Non-Verbal Reasoning Test (BNVR), relativamente ao teste de rastreio, todos os participantes identificaram 4 (100%) das imagens (casaco, tesoura, cão e maçã), sendo este item, de despiste a possíveis dificuldades ao nível da identificação de imagens.

No que respeita há resolução de problemas, tendo em conta as imagens aplicadas que suscitavam problemas que podem ocorrer em situações do quotidiano, podemos observar através da tabela 6, que os participantes nem sempre acertaram em 100% as imagens alvo do respetivo teste (BNVR) sendo que, os itens com os conteúdos café entornado e lápis partido corresponderam a 27 (90%) das respostas dos participantes correspondendo às imagens alvo, pano e afia-lápis/apara-lápis e os itens com o conteúdo mãos sujas, barba por fazer e olhos franzidos corresponderam respetivamente 29 (96,7%) dos participantes que identificaram as imagens do sabão, a gilete e os óculos como solucionador do problema.

Relativamente há utilização da via visual para solucionar os problemas que podem ocorrer no dia-a-dia, nos itens com o conteúdo barba por fazer e olhos franzidos, 1 (3,3%) dos participantes selecionou a colher de chá para solucionar o problema da situação do quotidiano barba por fazer e máscara para resolver o problema situacional do dia-a-dia olhos franzidos (dificuldade na leitura).

Tendo em conta a utilização da via semântica para solucionar os problemas do dia-a-dia que lhes eram apresentados através de imagens, 3 (10%) dos participantes escolheram a imagem vassoura e pá no item com o conteúdo café entornado para solucionar o problema visualizado e 1 (3,3%) dos participantes escolheu as imagens pasta de dentes e o machado nos itens com o conteúdo mãos sujas e lápis partido de forma a resolver os problemas em questão.

Tabela 5. The Butt Non-Verbal Reasoning Test (BNVR) (N=30).

Estímulo Alvo	Alvo	Via Visual F (%)	Via Semântica F (%)	Via sem relação F (%)
Mãos sujas	Sabão 29 (96,7)	Envelope Almofado -	Pasta de Dentes 1 (3,3)	Chapéu -
Dedo cortado	Penso 30(100)	Bolacha -	Fita-cola -	Rádio -
Barba	Gilete 29 (96,7)	Colher de Chá 1 (3,3)	Cortador de Relva -	Galinha -
Dor de cabeça	Aspirina/Comprimidos 30 (100)	Potes de Doce -	Ligadura -	Alfinete -
Olhos franzidos	Óculos 29 (96,7)	Máscara 1 (3,3)	Bengala -	Pato -
Cansado	Cama 30 (100)	Carrinho/Reboque -	Banco -	Borboleta -
Café entornado	Pano 27 (90)	Cachecol -	Vassoura e Pá 3 (10)	Avião -
Comer Refeição	Faca e Garfo 30 (100)	Lápis -	Tesoura -	Candeiro -
Lápis partido	Afia-lápis/Apara-lápis 27 (90)	Cunha de Madeira 1 (3,3)	Machado 1 (3,3)	Galochas 1 (3,3)
Botão solto	Agulha e Linha 30 (100)	Corde de Saltar -	Cola -	Galochas -
Chávena e pires partidos	Vassoura e Pá 30 (100)	Mala e Chapéu-de-chuva -	Graxa -	Árvore -

Relativamente há utilização da via sem relação face ao estímulo alvo, 1 (3,3%) dos participantes selecionou a imagem galochas remetendo para a imagens do problema do dia-a-dia lápis partido.

Neste estudo, 30 (100%) participantes acertaram nas imagens dos conteúdos como: dedo cortado-penso; dor de cabeça-aspirina/comprimidos; cansado- cama; comer refeição-faca e garfo; botão solto- agulha e linha e chávena e pires partido- vassoura e pá.

4. DISCUSSÃO

O capítulo discussão está organizado de forma a responder aos objetivos estabelecidos no presente estudo.

Relativamente há amostra deste estudo, compreende adultos com idades entre os 65 e 75 anos, sendo esperado um nível de escolaridade mais baixo face à faixa etária deste estudo, predominando desta forma o 1º Ciclo com 19 (63,3%) e o 2º Ciclo com 7 (23,3%) dos participantes. Analisando estes dados, era de esperar que o nível profissional desta amostra revelasse profissões menos diferenciadas face, tanto a idade como o nível de escolarização, correspondendo à ocupação de doméstica 10 (33,3%) dos participantes seguindo-se de 5 (16,7%) dos participantes correspondendo à profissão de vendedores. Relativamente às variáveis ser terapeuta da fala ou estudante de terapia da fala, neste estudo não houve dados relativos a estas variáveis entre os participantes.

Nos resultados deste estudo pode-se verificar que 9 (30%) da amostra apresenta alterações auditivas e 27 (30%) alterações visuais, estes dois dados são importantes de salientar pois podem vir influenciar a forma como os participantes analisam e resolvem os problemas das situações da vida quotidiana retratadas em imagens.

Respondendo ao primeiro objetivo deste estudo, nas áreas cognitivas avaliadas pelo MMSE, a amostra do nosso estudo revelou uma média de 26,8 (DP=1,972), revelando que os participantes apresentam valores aceitáveis, relativamente à idade (entre os 65 e 75 anos) e quanto ao nível de escolaridade, sendo que 19 (63,3%) dos participantes têm como habilitações literárias o 1º Ciclo e 7 (23,3%) participantes, 2º Ciclo. Assim, com estes resultados podemos dizer que os participantes neste estudo não apresentam qualquer tipo de declínio cognitivo que condicione a funcionalidade dos inquiridos nomeadamente a nível comunicacional, visto que o maior valor tendo em conta aos valores normativos dos autores Morgado *et al.*, (2009) corresponde a 27 para 7 a mais anos de escolaridade em 20 (66,7%) dos participantes do estudo. Segundo Ferreira (1998, citado por Vieira, 2012) existe uma correlação positiva moderada ($p=0,0574$) para os idosos com valores mais elevados no MMSE (Guerreiro *et al.*, 1994) obterem melhores desempenhos de nomeação.

Visando responder ao segundo objetivo, a capacidade de nomeação de imagens avaliada pelo TNA demonstra que os participantes nomearam corretamente 1231 (87,8%) imagens

de forma espontânea, sendo posteriormente dadas ambas as ajudas (semântica e fonémica), verificou-se tal como, nos estudos Vital *et al.*, (1997), Ferreira (1998) e Amado (2006) citado por Vieira (2012) que os participantes beneficiam mais das ajudas semânticas do que as fonémicas, contrariando desta forma Obler e Pekkala (2008 citado por Vieira, 2012) que defendem que o idoso beneficia mais de ajudas fonémicas do que de ajudas semânticas. Relativamente às imagens que os participantes nomearam sem qualquer tipo de ajuda, são respetivamente: copo, chapéu, gato, peixe, pera, escada, barril, coelho, guitarra, elefante e cobra. Os participantes nomearam estes conceitos, possivelmente porque lhes eram familiar (Cuetos, Ellis e Alvarez, 1999 e Miranda, Pompéia e Bueno, 2004 citado por Vieira, 2012) e o facto de os seus nomes serem utilizados frequentemente pelos idosos portugueses (Cuetos, Ellis e Alvarez, 1999; Stivanin e Scheuer, 2005; Pinto, 2008 citado por Vieira, 2012).

Quanto ao perfil de nomeação dos participantes com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos, os erros mais frequentes neste estudo foram as parafasias semânticas (PS) (106; 7,6%), ausência de resposta (95; 6,77%), erros de má perceção visual (82; 5,84%) e de não reconhecimento (43; 3,06%). No estudo realizado anteriormente Vieira (2012) constatou que os erros mais frequentes também foram as parafasias semânticas (75; 17,7%), erros de má perceção visual (107; 24,4%), o não reconhecimento (54; 12,8%) e a ausência de resposta (52; 12,3%). Estes erros devem-se às características visuais dos participantes, bem como aos traços visuais das imagens do TNA (Vital *et al.*, 1997) face à cultura da população idosa Portuguesa (Vieira, 2012). As imagens de trenó, torradeira, prego, boneco de neve e coroa foram os itens que revelaram mais dificuldades ao nível de nomeação espontânea face ao erro de má perceção visual, sendo que no estudo de Amado, 2006 citado por Vieira, 2012, a imagem torradeira também foi um dos estímulos com desempenhos de nomeação mais fracos, possivelmente devido às características da imagem, na medida em que o tipo de erro produzido sugere falta de coerência entre a imagem e a representação canónica da torradeira utilizada pelos portugueses (Alário *et al.*, 2004 citado por Vieira, 2012). Também na imagem de coroa, foram dadas respostas como: bolo de parabéns e bolo com velas em cima para soprar, sendo este tipo de erro possivelmente devido à complexidade visual do estímulo (Alário *et al.*, 2004; Miranda, Pompéia e Brueno, 2004; Pinto, 2008 citado por Vieira, 2012).

Os erros com mais frequência após ajuda semântica, foram as parafasia semânticas, corresponde a imagens como trenó (exemplo de respostas dadas: ski, patins da neve) e torradeira (exemplo de respostas dadas: caixa de madeira, caixa do pão), considerando que desta forma os participantes procuraram responder à ajuda fornecida (semântica), não considerando o estímulo visual anteriormente fornecido. Já no caso do erro não responde, em imagens como boneco de neve, trenó, seta, sandes, corrente, e régua podem também ser o resultado da falta de familiaridade com o conceito (Cuetos, Ellis e Alvarez, 1999; Miranda, Pompéia e Bueno, 2004 citado por Vieira, 2012) visto que, após dada a ajuda semântica “faz-se com neve”, no caso da imagem boneco de neve, as pessoas não foram capazes de aceder ao seu conceito. Quanto à imagem prego, este erro poderá ter corrido devido às características da imagem – complexidade visual (Alário *et al.*, 2004; Miranda, Pompéia e Brueno, 2004; Pinto, 2008 citado por Viera, 2012).

Assim, analisados os dados anteriores, podemos descrever a forma como o modelo de processamento da linguagem – MPL (Castro, Caló e Gomes, 2007, traduzido e adaptado de Kay, Lesser e Coltheart, 1992 citado por Vieira, 2012) poderá estar a “funcionar” face aos erros mais frequentes, sendo estes realizados devido a utilização frequente da via semântica e da via visual, visto que existem erros como a má percepção visual e o não reconhecimento da imagem que nos levam a remeter para o sistema responsável pelo reconhecimento de objetos ou imagens. É neste sistema onde existem o cruzamento entre os traços visuais do estímulo e as suas propriedades estruturais existentes nesse sistema (Castro, Caló e Gomes, 2007 citado por Vieira, 2012). Caso a imagem não seja reconhecida ou compreendida pelo participante, o acesso ao sistema de reconhecimento de objetos ou imagens, vai estar comprometido e por conseguinte, a nomeação da imagem ou situação problema que pode ocorrer ao nível do quotidiano.

Nos casos em que o reconhecimento da imagem é realizado pelo sistema responsável pelo reconhecimento de objetos ou imagens, o respetivo significado é ativado no sistema semântico permitindo a recuperação da palavra falada no léxico fonológico de saída e a retenção temporária no *buffer* fonológico de saída, de modo a ser posteriormente produzida (Morais, 2009 citado por Vieira, 2012). Neste caso, poderá haver um comprometimento ao nível do sistema semântico que terá como consequência a realização de erros como parafasias semântica, existentes neste estudo como nas imagens de anel (exemplos de

respostas dadas: brinco, relógio, medalha) e camisa (exemplo de resposta dada: casaco), como erros característicos do processamento psicolinguístico da nomeação do idoso uma vez que possivelmente apenas o sistema semântico foi acedido durante o seu processo de nomeação (Morais, 2009 citado por Vieira, 2012).

Por último atendendo ao terceiro objetivo deste estudo, a capacidade de resolução de problemas avaliada pelo BNVR, revelou que nem todos os participantes acertaram nas dez imagens que suscitavam a resolução de problemas de situações do quotidiano, sendo que no estudo de Butt e Bucks, 2004 os resultados foram bastante diferentes comparativamente a este, revelando que os participantes sem qualquer patologia diagnóstica, acertaram em 100% das dez imagens aplicadas que suscitavam a resolução de problemas. Podemos dizer que a disparidade de idades nos dois estudos poderá ter influência nos resultados, visto que no estudo de Butt e Bucks, 2004 as idades variam entre os 27 e os 89 anos.

No presente estudo os participantes por vezes, optavam por selecionar imagens recorrendo tanto à via semântica, com o à via visual ou até mesmo selecionavam imagens que não tinham ligação nenhuma com o problema da situação do quotidiano em questão. No caso do item, com o conteúdo café entronado, 3 (10%) participantes selecionaram pá e vassoura recorrendo neste caso à via semântica para solucionar o problema de situações do quotidiano, sendo que este foi o item com mais respostas recorrendo a via semântica para solucionar o problema. Podemos remeter este tipo de erro, para a modelo de processamento da linguagem, em que no caso de reconhecer a imagem que remete para o problema do quotidiano, o participante seleciona a imagem-estímulo que semanticamente mais se adequa ao problema, havendo desta forma um comprometimento a nível do sistema semântico após reconhecida a imagem-situação problema, realizando desta forma erros ao nível de seleção semântica. Esta construção do processamento da linguagem, é semelhante nos tipos de erro do teste TNA que avalia a nomeação por confrontação visual. Os tipos de erros dos participantes poderão ter influência quanto ao nível cultural dos mesmos, sendo que determinadas respostas deverá ser analisadas tendo em conta a cultura do participante.

Relativamente à seleção das imagens que solucionam a imagem-situação problema recorrendo à via visual, nos itens com o conteúdo barba por fazer e olhos franzidos, 1 (3,3%) dos participantes selecionou a colher de chá e a máscara para resolver os problemas situacionais do quotidiano representadas nas imagens-situação problema. Neste tipo de

Andreia Carreira Pratas, 201092244

erro, o reconhecimento por parte do sistema de reconhecimento de objetos ou imagens encontrava-se comprometido, tendo visualizado na imagem selecionada os traços visuais do estímulo alvo (gilete para colher de chá e óculos para máscara). Esta construção do processamento da linguagem, é semelhante nos tipos de erro de má percepção visual e não reconhecimento do teste TNA que avalia a nomeação por confrontação visual.

A resposta às questões “Tente recordar-se o que pensou para esta imagem. Como resolveu o problema/encontrou a solução?” e “Teria outra resposta para resolver a situação?”, permitiu-nos analisar a forma de processamento metacognitivo dos participantes, levando os indivíduos a perceberem o grau de sucesso na resolução de problema (Ribeiro, 2003) e analisar, no caso da primeira questão a formulação do raciocínio realizado na fase não verbal de resolução de problemas, tendo em conta a imagem selecionada para resolver a situação problema. Na segunda questão que faz referência a uma outra hipótese de resposta, os participantes no caso de haver outra hipótese, por exemplo no item com o conteúdo mãos sujas, os participantes recorreram a hipóteses como detergente de lavar loiça e um desengordurante, sendo os objetos que mais se aproximam do estímulo alvo sabão. Neste caso os participantes recorreram ao sistema semântico, tendo em conta o modelo de processamento da linguagem. No item com o conteúdo comer refeição, a maioria dos participantes referiu como hipótese o facto de comer com as mãos, sendo que semanticamente esta opção não vai ao encontro do estímulo-alvo garfo e faca. Podemos referir que com a disparidade de hipóteses, sem relação com o estímulo-alvo, acabou por existir alguma incoerência na fase não-verbal e na fase verbal do teste, sendo que algumas hipóteses como, palito para solucionar o problema do quotidiano botão solto, revelou-se uma hipótese díspar face à selecionada anteriormente (agulha e linha). Estes tipos de resposta remetem possivelmente para o nível cultural dos participantes e o fator socioeconómico dos mesmos, sendo que as hipóteses que lhes ocorreram correspondem à solução de problemas através de uma forma bastante prática e até por vezes rudimentar.

Realizou-se um quadro esquemático (Apêndice E) onde se verifica a relação entre os conceitos referidos anteriormente e os respetivos resultados do estudo.

5. CONCLUSÃO

Este estudo contribuiu para validação do teste BNVR (Butt e Bucks, 2004) para a população Portuguesa caracterizando a forma de resolução de problemas na população saudável com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos.

Considerando que a temática de resolução de problemas, ainda se encontra pouco explorada, todos os estudos que possam contribuir para o desenvolvimento e consolidação devem ser efetuados.

Este estudo permitiu concluir que a população portuguesa saudável com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos apresenta algumas dificuldades face à resolução de problemas de situações do quotidiano, apresentando resultados diferentes relativamente ao estudo (Butt e Bucks, 2004), sendo que as idades do estudo, tem em conta adultos entre os 27 e os 89 anos. Podemos concluir que a maior parte dos erros ao nível da resolução de problemas de situações do quotidiano resultam da utilização tanto da via semântica como da via visual, estando desta forma comprometido o modelo de processamento da linguagem na vertente do sistema semântico face à utilização da via semântica e na vertente do sistema de reconhecimento de imagens ou objetos face à utilização da via visual. Estes mesmos comprometimentos ao nível do modelo de processamento da linguagem ocorrem no processo de nomeação por confrontação visual, através do teste TNA que teve como principais erros de nomeação: má perceção visual, não reconhecimento, parafasias semânticas e erros de não resposta.

O presente estudo apresentou algumas limitações no decorrer da sua elaboração. No que diz respeito às pesquisas bibliográficas, a informação existente e/ou disponível sobre a resolução de problemas face à aplicação ao nível de intervenção é bastante escassa o que torna difícil algumas relações e possíveis conclusões. Relativamente aos instrumentos aplicados, o interesse dos participantes foi notório na sua aplicação, sendo que inicialmente ao aplicar o teste MMSE os participantes ficavam um pouco renitentes às próximas questões, denotando alguma hesitação e até mesmo desconforto face ao possível erro que pudessem fazer. Sentiam-se com a aplicação do primeiro instrumento que estavam num processo de avaliação das suas competências cognitivas. O local de aplicação dos instrumentos e a disponibilidade dos participantes no agendamento de um dia e/ou local foi uma limitação neste estudo, ao qual levou, a que o processo de recolha de dados ocorresse

em locais público, em que o barulho e as interrupções eram constantes, o que possivelmente poderá ter vindo a influenciar alguns resultados neste estudo.

A aplicação do BNVR face à intervenção a nível patológico na população Portuguesa é uma mais-valia visto que este teste visa avaliar a resolução de problemas de situações do quotidiano. O fato deste estudo analisar população Portuguesa saudável permite a existência posteriormente de uma relação entre o indivíduo saudável com um indivíduo com patologia, de forma a suprimir a dificuldades que estes últimos possam a vir a ter ao nível da resolução de problemas de situações do quotidiano Assim sendo, sugere-se a realização de estudos futuros, com vista a deter uma amostra de indivíduos com patologia de forma a concluir a validação do BNVR face à população Portuguesa com patologia de forma a potencializar a realização da intervenção clínica face à resolução de problemas de situações do quotidiano.

Também com este estudo e observando os profissionais de saúde que podem desempenhar um papel importante ao nível da resolução de problemas, estamos a potencializar o trabalho em equipa interdisciplinar, tendo o utente como centro de ação, com vista a melhorar a intervenção clínica, referenciação de questões relativas à resolução de problemas e uma constante supervisão dos indivíduos em processo de senescência ou em situações demenciais que apresentem dificuldades face à resolução de problemas de situações do quotidiano.

6. REFERÊNCIAS

- ASHA. (American Speech-Language-Hearing Association) (2013) in Council for Clinical Certification in Audiology and Speech-Language Pathology. *2014 Standards for the Certificate of Clinical Competence in Speech-Language Pathology*. Disponível on-line em: <http://www.asha.org/Certification/2014-Speech-Language-Pathology-Certification-Standards/#sthash.pBSiDYLJ.dpuf>. Último acesso em 21-06-2014;
- ASHA (American Speech-Language-Hearing Association) (2003). Evaluating and treating communication and cognitive disorders: approaches to referral and collaboration for speech-language pathology and clinical neuropsychology. Disponível on-line em: <http://www.asha.org/policy/TR2003-00137.htm#sthash.xRdmHuDW.dpuf>. Último acesso em 25-06-2014;
- Butt. P., Bucks, R (2004). *BNVR: The Butt Non-Verbal Reasoning Test*. Speechmark, United Kingdom;
- Caldas, A. (2000). *A Herança de Franz Joseph Gall: O Cérebro ao serviço do comportamento humano*. Lisboa: McGraw-Hill;
- Cardoso, S. (2010). *Comparação entre os tipos de erros realizados pela pessoa com Doença de Alzheimer Provável em tarefas de nomeação e discurso provocado nos diferentes estádios da doença* Monografia Final de Licenciatura. Barcarena: Universidade Atlântica. Disponível on-line em: http://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/jspui/bitstream/10884/795/1/Monografia_Susana%20Cardoso.pdf. Último acesso em 29-06-2014;
- Chahon, M (2006). *Metacognição e resolução de problemas aritméticos verbais: teoria e implicações pedagógicas*. Rev. Dep. Psicol.,UFF vol.18 no.2 Niterói. Disponível on-line em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232006000200012>. Último acesso em 18-11-2013;
- Guerreiro, M., Silva, A., Botelho, M., Leitão, O., Castro Caldas, A., e Garcia, C. (1994). *'Adaptação à População Portuguesa na tradução do "Mini Mental State Examination (MMSE)'*. Revista Portuguesa de Neurologia, 1, n. 9;
- Mayer, R. E. (1998). *Cognitive, metacognitive, and motivational aspects of problem-solving*. Instructional Science. 26, pp. 49-63. Disponível on-line em:

- <http://www.rhartshorne.com/fall-2012/eme6507-rh/cdisturco/eme6507-eportfolio/documents/Mayer%201998.pdf>. Último acesso em 17-11-2013;
- Monteiro, M. (2011). *Competências para a vida em Adolescentes: Avaliação da qualidade de vida relacionada com a saúde e da competência social*. Disponível on-line em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1519/1/Comp%20para%20a%20Vida%20Adolescentes.pdf>. Último acesso em 24-11-2013;
- Morgado, J., Rocha, C., Maruta, C., Guerreiro, M. e Martins, I. (2009). *Novos Valores Normativos do Mini-Mental State Examination*. In Sinapse – Sociedade Portuguesa de Neurologia, Disponível on-line em: http://www.spneurologia.com/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=54&tmpl=component&format=raw&Itemid=56. Último acesso a 25-11-2014;
- Neto, A.J (1991) *Fatores Psicologicos de Insucesso na Resolução de Problemas de Física: Uma amostra Significativa in Enseñanza de Las Ciências* 9 (3), 275-280. Disponível on-line em: <http://ddd.uab.es/pub/edlc/02124521v9n3p275.pdf>. Último acesso em 25-11-2013;
- O'Neil, H. F. & Schacter, J. (1997). *Test specifications for problem solving assessment*. Disponível on-line em: <http://www.cse.ucla.edu/products/reports/TECH463.PDF>. Último acesso em 12-11-2013;
- Ribeiro, C (2003). *Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), pp. 109-116. Disponível on-line em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16802.pdf>. Último acesso em 18-11-2013;
- Vieira, M. (2012). *Perfil de nomeação do idoso em processo de senescência em meio urbano: Contributo para a validação do Teste de Nomeação de Armstrong*. Monografia Final de Licenciatura. Barcarena: Universidade Atlântica. Disponível on-line em: <http://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/jspui/bitstream/10884/824/1/Monografia%20-%20Artigo%20Cient%3ADfco%20-%20%20vers%3A3o%20final%20corrigida%20-%20Maria%20Carolina%20Vieira%2c%20200891854%20-%20%3A9poca%20de%20Finalista.pdf>. Último acesso em: 27-06-2014;

Vital, P., Bom, R., Ferreira, I. e Rasquilha, I. (1997). *Teste de Nomeação de Armstrong*.
Tradução e adaptação da versão escocesa de Armstrong (1996). *Armstrong Naming
Test*. Trabalho não publicado. Alcabideche: Escola Superior de Saúde do Alcoitão.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Código de identificação: _ _ _

(a preencher pela investigadora)

Ficha de Seleção

Contacto fornecido por: _____

Nome: _____ Idade: _____ Tlm: _____

Idade (____). Entre 65 e 75 anos?	sim <input type="checkbox"/>	não <input type="checkbox"/>
Patologia diagnosticada do foro neurológico?	sim <input type="checkbox"/> Qual? AVC <input type="checkbox"/> TCE <input type="checkbox"/> Demência <input type="checkbox"/> Parkinson <input type="checkbox"/> Esclerose Múltipla <input type="checkbox"/> ELA <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____	não <input type="checkbox"/>
Patologia diagnosticada do foro da saúde mental?	sim <input type="checkbox"/> Qual? Depressão <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____	não <input type="checkbox"/>
Frequência em sessões de Terapia da Fala?	sim <input type="checkbox"/> Porquê? _____ Compromete linguagem? sim <input type="checkbox"/>	não <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>
É terapeuta da fala ou estudante de Terapia da Fala? (excluir contacto se resposta a questão estiver sombreada)	sim <input type="checkbox"/> TF <input type="checkbox"/> Estudante TF <input type="checkbox"/>	não <input type="checkbox"/>

Contacto do Participante:

- Local de Encontro: _____

Data: ___/___/___ Hora: ___:___

Contacto de alguém que poderia estar interessado:

Nome:	Tlm:

Andreia Pratas, Marta Costa e Paula Vital (2014) – Universidade Atlântica
Contactos: 914381206, andwcp@msa.com; 914321977, MartaFK_23@hotmail.com; 214398285, pvital@uaatlantica.pt

APÊNDICE B

Consentimento Informado

Exmo. (a). Sr. (a),

Eu, Andreia Carreira Pratas, aluna do 4º ano de Terapia da Fala na Universidade Atlântica, encontro-me a realizar, no âmbito das unidades curriculares de Investigação Aplicada à Terapia da Fala I e II, o projeto de investigação com o tema: “ Comunicação e Resolução de Problemas do quotidiano”.

A relação da resolução de problemas do quotidiano com os processos de comunicação e linguagem ainda está pouco desenvolvida e estudada. Para ajudar no desenvolvimento desta área, este estudo tem como objetivo explorar e descrever a forma como os adultos com idades compreendidas entre os 65 e 75 anos, sem qualquer patologia diagnosticada, resolvem os problemas que possam ocorrer na vida quotidiana, utilizando o processamento da comunicação/linguagem.

Para recolha dos dados serão utilizados os seguintes instrumentos: Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Vital e Ramos, 2013), o Teste Mini-Mental State Examination (MMSE) (Folstein e McHugh, 1975, considerando a utilização dos dados normativos dos autores Morgado et al. (2009), o Teste de Nomenção de Armstrong - TNA (Armstrong, 1996, traduzido e adaptado por Vital, Bom, Rasquilha e Ferreira, 1997) e o The Butt Non-Verbal Reasoning Test -BNVR (Butt e Bucks, 2004 traduzido e adaptado para Português Europeu por Vital e Ramos, 2013). Para os testes TNA e BNVR é necessária a gravação áudio. Os instrumentos serão preenchidos pela investigadora tendo um tempo de aplicação de cerca de 20 a 30 minutos.

Todos os aspetos éticos serão respeitados, sendo os termos de confidencialidade e anonimato garantidos através da atribuição de um código de identificação a cada participante, substituindo assim a sua identificação pessoal. No que diz respeito aos dados e informações a que terei acesso na fase de recolha, serão apenas utilizados para fins académicos e de investigação.

A sua participação no estudo é voluntária podendo suspender em qualquer momento, bastando para tal que informe, por escrito, a investigadora.

No caso de aceitar participar, agradeço que preencha o Formulário de Consentimento Informado presente no verso.

Andreia Carreira Pratas- Tlm. 914381206, e-mail: andwcp@msm.com
Terapeuta da Fala Orientadora Ana Paula Vital- Tlf. 214398283, e-mail: pvital@uatlantica.pt
Universidade Atlântica- Licenciatura em Terapia da Fala

APÊNDICE C

Tabela. Análise das Respostas corretas em função da imagem – Resposta Espontânea (RE), Resposta após Ajuda Semântica (RAS) e Resposta após Ajuda Fonêmica (RAF)

Itens	RE	RAS		RAF	
	F (%)	n	F (%)	n	F (%)
1. Lápis	26 (86,7)	3	2 (66,7)	1	1 (100)
2. Copo	30(100)		-		-
3. Camisa	22 (73,3)	5	0(0)	5	0(0)
4. Maça	24 (80)	4	0(0)	4	3(75)
5. Chapéu	30(100)		-		-
6. Anel	8 (26,7)	22	20 (90,9)	2	1 (50)
7. Meia	27 (90)	1	1 (100)		-
8.Sandes	11 (36,7)	17	10(58,8)	7	4(57,1)
9. Envelope	27 (90)	1	0(0)	1	1(100)
10.Banana	29 (96,7)	1	1(100)		-
11. Estrela	27 (90)	3	3 (100)		-
12. Cão	29 (96,7)	1	1 (100)		-
13. Saia	24 (80)	6	4 (66,7)	2	0(0)
14. Cebola	24 (80)	4	4(100)		-
15. Colete	25 (83,3)	3	1(33,3)	2	2(100)
16. Gato	30(100)		-		-
17. Cachimbo	26 (86,7)	4	0 (0)	4	3 (75)
18. Banco	29 (96,7)		-		-
19. Peixe	30(100)		-		-
20. Limão	27 (90)		-		-
21. Martelo	29 (96,7)		-		-
22.Cigarro	28 (93,3)		-		-
23. Pêra	30(100)		-		-
24. Corrente	19 (63,3)	5	0(0)	5	4 (80)
25. Escada	30(100)		-		-
26. Seta	19 (63,3)	10	1 (10)	9	8 (88,9)
27. Pregos	14 (46,7)	14	5 (35,7)	8	7 (87,5)
28. Sino	29 (96,7)	1	0(0)	1	1(100)
29. Borboleta	29 (96,7)	1	1(100)		-
30. Régua	20 (66,7)	6	1 (16,7)	5	1 (20)
31. Cavalo	28 (93,3)	1	1 (100)		-
32. Boneco de neve	14 (46,7)	14	5 (35,7)	9	5 (56,6)
33.Chave de fendas	26 (86,7)	3	0(0)	3	3(100)
34. Barril	30(100)		-		-
35 Coelho	30(100)		-		-
36. Vela	29 (96,7)	1	0(0)	1	1(100)
37. Torradeira	8 (26,7)	19	9 (47,4)	10	9(90)
38. Guitarra	30(100)		-		-
39. Tambor	28 (93,3)	2	1 (50)		-
40. Ananás	29 (96,7)	1	0(0)	1	1(100)
41. Cogumelo	28 (93,3)	2	0(0)	2	2 (100)
42. Mocho	27 (90)	3	0(0)	3	2 (66,7)

43 Coroa	21 (70)	9	6 (66,7)	2	2 (100)
44. Elefante	30(100)		-		-
45. Camelo	26 (86,7)	2	0(0)	2	1 (50)
46. Canguru	14 (46,7)	13	3 (23,1)	9	9 (100)
47. Trenó	4 (13,3)	26	2 (7,7)	23	14(60,9)
48. Sapo	29 (96,7)	1	0(0)	1	1(100)
49. Papagaio de papel	18 (60)	9	0(0)	8	4 (50)
50. Cobra	30(100)		-		-

APÊNDICE D

Tabela. Análise dos tipos de erro por imagem em função da modalidade de resposta espontânea (RE), resposta após ajuda semântica (RAS) e resposta após ajuda fonêmica (RAF) (N=30)

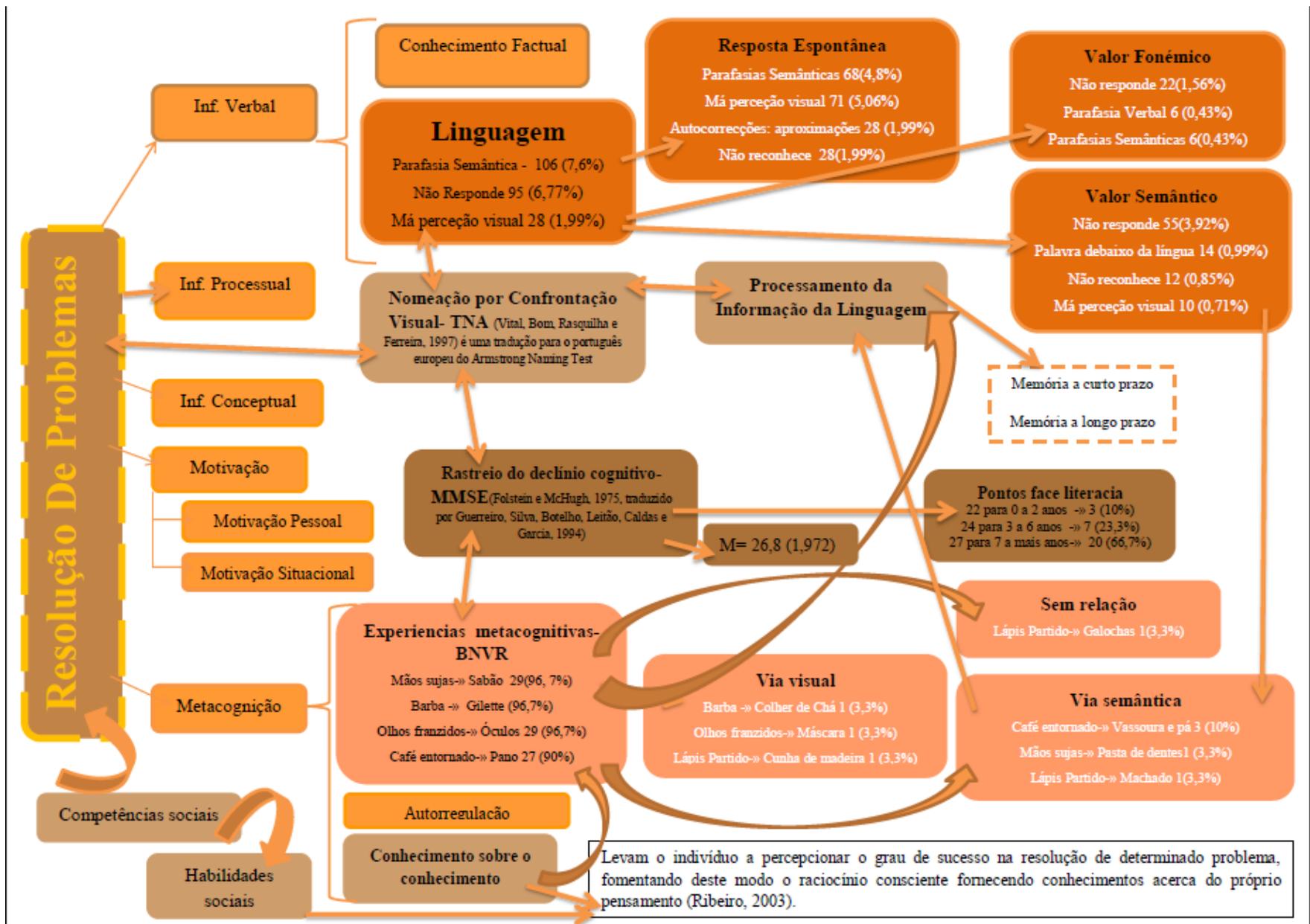
Estimulo- Alvo	RE			RAS			RAF	
	Tipos de Erro	F (%) n=30	n	Tipos de Erro	F (%)	n	Tipo de Erro	F (%)
1.Lápis	PS	3 (10)	3	NRp	1 (33,3)	-	-	-
	AC	1 (3,3)						
3. Camisa	PS	5 (16,7)	5	NRp	3 (60)	5	PS	3 (60)
	AC	3 (10)		PS	2 (40)		PV	2 (40)
4. Maça	PS	4 (13,3)	4	PS	2 (50)	4	NRp	2 (40)
	AC	2 (6,7)		NRp	2 (50)			
6. Anel	PS	12 (40)	2	PS NRc	1 (4,5) 1 (4,5)	2	NRp	1 (50)
	NRc	6 (20)						
	NRp	2 (6,7)						
	MPV	1 (3,3)						
	PA s/RC	1 (3,3)						
7.Meia	C	1 (3,3)	-	-	-	-	-	-
	PA c/RC	1 (3,3)						
	AC	1 (3,3)						
8.Sandes	PS	9 (30)	17	NRp PS NRc	4 (23,5) 2 (11,8) 1 (5,9)	7	NRp PS	2 (28,6) 1 (14,3)
	MPV	3 (10)						
	NRc	2 (6,7)						
	NRp	2 (6,7)						
	S	1 (3,3)						
	PA c/RC	1 (3,3)						
9. Envelope	AC	2 (6,7)	1	NRp	1 (100)	-	-	-
	PS	1 (3,3)						
10.Banana	MPV	1 (3,3)	-	-	-	-	-	-
11.Estrela	MPV	3 (10)	-	-	-	-	-	-
12.Cão	PS	1(3,3)	-	-	-	-	-	-
13.Saia	MPV	4 (13,3)	6	PS	2 (33,3)	2	PS	1 (50)
	NRc	2 (6,7)					PV	1 (50)
14.Cebola	PS	3 (10)	-	-	-	-	-	-
	AC	2 (6,7)						
	MPV	1 (3,3)						
15. Colete	PS	3 (10)	3	PS NRp	1(33,3) 1 (33,3)	-	-	-
	PA c/RC	1 (3,3)						
	AC	1 (3,3)						
17. Cachimbo	PS	3 (10)	4	NRp	2 (50)	4	PDL	1 (25)
	MPV	1 (3,3)		PS	1 (25)			
				PDL	1 (25)			
18. Banco	AC	1 (3,3)	-	-	-	-	-	-
20. Limão	PA c/RC	2 (6,7)	1	PA c/RC	1 (100)	-	-	-
	NRp	1 (3,3)						
21. Martelo	PA c/RC	1 (3,3)	-	-	-	-	-	-
22.Cigarro	PA c/RC	1 (3,3)	-	-	-	-	-	-
	AC	1 (3,3)						
24. Corrente	PS	5 (16,7)	5	NRp	4 (80)	5	PS	1 (20)
	AC	4 (13,3)		PS	1(20)			
	PA c/RC	2 (6,7)						
26. Seta	PS	3 (10)	10	NRp PS MPV	5 (50) 2 (20) 2 (20)	9	NRp	1 (11,1)
	MPV	3 (10)						
	NRc	3 (10)						
	C	1 (3,3)						
	PA c/RC	1 (3,3)						
27. Pregos	MPV	9 (30)	14	NRp	4 (28,6)	8	NRp)	1 (12,5)
	PV	2 (6,7)		PDL	2 (14,3)			
	PS	1 (3,3)		NRc	1 (7,1)			
	C	1 (3,3)		PS	1 (7,1)			

	NRc	1 (3,3)		PA c/RC	1 (7,1)			
	PA c/RC	1 (3,3)						
	AC	1 (3,3)						
28. Sino	PS	1 (3,3)	1	NRc	1 (100)	-	-	
29. Borboleta	PS	1 (3,3)	-	-		-	-	
	AC	4 (13,3)						
	PS	3 (10)		NRp	4 (66,7)		NRp	3 (60)
30. Régua	NRc	2 (6,7)	6	NRc	1 (16,7)	5	NRc	3 (60)
	NRp	1 (3,3)						
31. Cavalo	PS	1 (3,3)	-	-		-	-	
	AC	1 (3,3)						
	MPV	7 (23,3)						
	PV	5 (16,7)		NRp	7 (50)		NRp	3 (33,3)
32. Boneco de neve	PS	1 (3,3)	14	PV	1 (7,1)	9	MPV	1 (11,1)
	PA c/RC	1 (3,3)		MPV	1 (7,1)			
	AC	1 (3,3)						
	PDL	1 (3,3)						
33. Chave de fendas	MPV	3 (10)	3	NRp	2 (66,7)	-	-	
	PA c/RC	1 (3,3)		MPV	1 (33,3)			
36. Vela	PS	1 (3,3)	1	PV	1 (100)	-	-	
	MPV	9 (30)						
	PS	4 (13,3)		MPV	5 (26,3)			
37. Torradeira	NRc	4 (13,3)	19	PS	4 (21,1)	10	PV	1 (10)
	PA c/RC	3 (10)		PV	1 (5,3)			
	PV	1 (3,3)						
	PDL	1 (3,3)						
39. Tambor	MPV	1 (3,3)	2	NRp	1 (50)	1	PA c/RC	1 (100)
	PV	1 (3,3)						
40. Ananás	C	1 (3,3)	1	PDL	1 (100)	-	-	
41. Cogumelo	PDL	1 (3,3)	2	PDL	1 (50)	-	-	
	NRp	1 (3,3)		NRp	1 (50)			
	PS	1 (3,3)		PS	2 (66,7)			
42. Mocho	PDL	1 (3,3)	3	PDL	1 (33,3)	3	NRp	1 (33,3)
	MPV	1 (3,3)						
	MPV	6 (20)						
43. Coroa	PDL	1 (3,3)	9	PDL	2 (22,2)	-	-	
	NRc	1 (3,3)		PA c/RC	1 (11,1)			
	NRp	1 (3,3)						
	PDL	1 (3,3)						
45. Camelo	MPV	1 (3,3)	2	PDL	1 (50)	2	NRp	1 (50)
	PA	1 (3,3)		NRp	1 (50)			
	c/RCAC	1 (3,3)						
	PDL	5 (16,7)			5 (38,5)			
	PA c/RC	3 (10)		NRp	2 (15,4)			
	C	2 (6,7)		C	1 (7,7)			
46. Canguru	MPV	2 (6,7)	13	PDL	1 (7,7)	-	-	
	NRp	2 (6,7)		MPV	1 (7,7)			
	PS	1 (3,3)		AC	1 (7,7)			
	PV	1 (3,3)						
	MPV	13 (43,3)		PS	10 (38,5)			
	NRp	6 (20)		NRp	6 (23,1)		NRp	4 (17,4)
47. Trenó	NRc	5 (16,7)	26	NRc	3 (11,5)	23	NRc	2 (8,7)
	PS	1 (3,3)		PDL	3 (11,5)		PV	2 (8,7)
	C	1 (3,3)		AC	1 (3,8)		C	1 (4,3)
				PV	1 (3,8)			
48. Sapo	MPV	1 (3,3)	1	NRp	1 (100)	-	-	
	PDL	2 (6,7)		NRc	4 (44,4)			
	NRc	2 (6,7)		C	2 (22,2)			
49. Papagaio de papel	NRp	2 (6,7)	9	PDL	1 (11,1)	8	NRp	4 (50)
	PA c/RC	2 (6,7)		PA c/RC	1 (11,1)			
	C	1 (3,3)		PS	1 (11,1)			

MPV	1 (3,3)
AC	1 (3,3)
PV	1 (3,3)

Legenda: Parafasia Semântica (PS), Parafasia Verbal (PV), Superordenação (S), Circunlóquio (C), Palavra debaixo da Língua (PDL), Não reconhece (NRc), Má percepção visual (MPV), Não responde (NRp), Pausa anômica com resposta correta (PA c/ RC), Pausa anômica sem resposta correta (PA s/RC) e Autocorreção: Aproximações (AC).

APÊNDICE E



ANEXOS

ANEXO A

Caracterização Sócio-Demográfica

Preencha de acordo com os seus dados.

1. Idade: _____

2. Género:

Masculino Feminino

3. Nacionalidade: _____

4. Naturalidade: _____

5. Concelho de Residência: _____

6. Língua Materna:

Português Outra. Qual? _____

7. Habilitações Literárias concluídas:

1º Ciclo (1º-4º anos) Secundária (10º-12º anos) Mestrado. Qual? _____
 2º Ciclo (5º-6º anos) Bacharel. Qual? _____ Doutoramento. Qual? _____
 3º Ciclo (7º- 9º anos) Licenciatura. Qual? _____ Outra. Qual? _____

8. É estudante?

Não (Por favor passe para 9)
 Sim (Por favor passe para 8.1)

8.1. Indique o ciclo de estudos em que está actualmente.

1º Ciclo (1º-4º anos) Secundária (10º-12º anos) Mestrado. Qual? _____
 2º Ciclo (5º-6º anos) Bacharel. Qual? _____ Doutoramento. Qual? _____
 3º Ciclo (7º- 9º anos) Licenciatura. Qual? _____ Outra. Qual? _____

9. Profissão: _____

Se reformado, qual era a sua profissão: _____

Se desempregado, qual foi a sua última profissão: _____

10. Qual a sua lateralidade?

Dextro Esquerdino (canhoto)

11. Como está a sua audição?

Normal (Passe para 12) Alterada
11.1. Se alterada: Perda Auditiva Ligeira Perda Auditiva Moderada Perda Auditiva Grave
11.2. Usa prótese auditiva? Não Sim

12. Como está a sua visão?

Normal (Passe para 13) Alterada
12.1. Se alterada: Perda Visual Ligeira Perda Visual Moderada Perda Visual Grave
12.2. Usa óculos? Não Sim

13. Outras ocorrências de saúde:

Doença Neurológica (ex. AVC, TCE)
 Perturbação Saúde Mental e/ou Psiquiátrica (ex. Depressão)

Ana Paula Vital & Catarina Ramos (2013) - Universidade Atlântica
Contactos: 214398285; pvital@uatlantica.pt; cramos@uatlantica.pt

ANEXO B

AVALIAÇÃO COGNITIVA

Mini-Mental State Examination - MMSE - Validado para a População Portuguesa

NOME: _____
 IDADE: _____ Anos DATA: _____ de _____ de _____

I. ORIENTAÇÃO "Vou fazer-lhe algumas perguntas. A maior parte delas são fáceis. Tente responder o melhor que for capaz."
 (Dar 1 ponto por cada resposta correcta.)

1. Em que ano estamos? _____
 2. Em que mês estamos? _____
 3. Em que dia do mês estamos? (Quantos são hoje?) _____
 4. Em que estação do ano estamos? _____
 5. Em que dia da semana estamos? (Que dia da semana é hoje?) _____
 6. Em que País estamos? (Como se chama o nosso País?) _____
 7. Em que Distrito vive? _____
 8. Em que Terra vive? _____
 9. Em que casa estamos? (Como se chama esta casa onde estamos?) _____
 10. Em que andar estamos? _____
- Nota: _____

II. RETENÇÃO "Vou dizer-lhe três palavras. Queria que as repetisse e que procurasse decorá-las porque dentro de alguns minutos vou pedir-lhe que me diga essas três palavras." As palavras são:

Pêra _____ Gato _____ Bola _____ Nota: _____

Repita as três palavras (Dar 1 ponto por cada resposta correcta.)

III. ATENÇÃO E CÁLCULO "Agora peço-lhe que me diga quantos são 30 menos 3 e que ao número encontrado volte a subtrair 3 até eu lhe dizer para parar." (Dar 1 ponto por cada resposta correcta. Parar ao fim de 5 respostas. Se fizer 1 erro na subtração, mas continuando a subtrair correctamente a partir do erro conta-se como um único erro.)

30 _____ 27 _____ 24 _____ 21 _____ 18 _____ 15 _____ Nota: _____

Se o sujeito não conseguir executar esta tarefa, faz-se em alternativa, uma outra: "Vou dizer-lhe uma palavra e queria que me dissesse essa palavra letra por letra mas ao contrário, isto é, do fim para o princípio."

A palavra é: P O R T A (Dar 1 ponto por cada letra correctamente repetida.)

A _____ T _____ R _____ O _____ P _____ Nota: _____

IV. EVOCAÇÃO (Só se efectua no caso do sujeito ter apreendido as três palavras referidas na prova da retenção.)

"Agora veja se me consegue dizer quais foram as três palavras que lhe pedi há pouco para repetir."

(Dar 1 ponto por cada resposta correcta.)

Pêra _____ Gato _____ Bola _____ Nota: _____

V. LINGUAGEM (Dar 1 ponto por cada resposta correcta.)

- a) Mostrar o relógio de pulso.
 "Como se chama isto?" _____ Nota: _____
- b) Mostrar o lápis.
 "Como se chama isto?" _____ Nota: _____
- c) Repetir a frase: "O rato rói a rolha". _____ Nota: _____

d) "Vou dar-lhe uma folha de papel. Quando eu lhe entregar o papel, pegue nele com a sua mão direita, dobre-o ao meio e coloque-o no chão." (Dar 1 ponto por cada etapa bem executada. A pontuação máxima é de 3 pontos.)

Pega no papel com a mão direita _____
 Dobra o papel ao meio _____
 Coloca o papel no chão _____ Nota: _____

e) "Leia e cumpra o que diz neste cartão."
 (Mostrar cartão com frase: "FECHE OS OLHOS". Se o sujeito for analfabeto o examinador deverá ler-lhe a frase.)
 (Dar 1 ponto por cada realização correcta.)

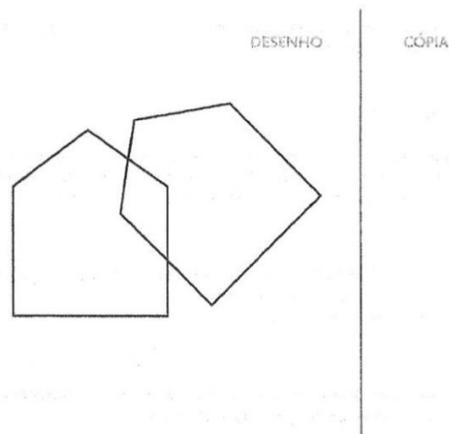
Fechou os olhos _____ Nota: _____

f) "Escreva uma frase." (A frase deve ter sujeito, verbo e ter sentido, para ser pontuada com 1 ponto. Erros gramaticais ou de troca de letra não contam como erros.)

Nota: _____

g) "Copie o desenho que lhe vou mostrar." (Mostrar desenho.)
 (Os 10 ângulos devem estar presentes e 2 deles devem estar interceptados para pontuar 1 ponto. Tremor e erros de rotação não são valorizados.)

Nota: _____



Nota Total: _____

Pontos de Corte
 (População Portuguesa)

Considera-se com Defeito Cognitivo:

- * Analfabetos ≤ 15
- * 1 a 11 anos de escolaridade ≤ 22
- * Com escolaridade superior a 11 anos ≤ 27

22 para 0 a 2 anos de literacia,
 24 para 3 a 6 anos de literacia e
 27 para 7 ou mais anos de literacia.

Folstein MF et al. "Mini-Mental State": A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. *Journal of Psychiatric Research*, 1975; 12: 189-98.
 Guerreiro M. Contributo da Neuropsicologia para o estudo das Demências. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Medicina de Lisboa 1998.

Morgado, J., Rocha, C., Maruta, C., Guerreiro, M. e Martins, J. (2009). Novos Valores Normativos do Mini-Mental State Examination. *Sinapse*, vol9, n2, p.10-16.

ANEXO C

TESTE DE NOMEAÇÃO ARMSTRONG *ANÁLISE*¹

Nome:

Data do teste:

Data de Nascimento:

Diagnóstico Médico:

Nomeação Espontânea

Número de respostas correctas sem ajuda	
<i>Resposta com ajuda</i> <i>(cueing responsiveness)</i>	
Número de respostas correctas após ajuda semântica	
Número de respostas correctas após ajuda fonémica	

Tipo de Erro

Parafasia semântica	
Superordenação (superordinate)	
Circunlóquio	
Perseveração	
Palavras debaixo da língua	
Parafasia fonémica	
Neologismos	
Parafasia verbal	
Não reconheceu	
Má percepção visual	
Não responde	
Outros	

Efeito do Comprimento silábico

Número de erros em palavras polissilábicas	
--	--

Teste de Nomeação Armstrong - Análise

¹ Tradução e adaptação para Português Europeu por: Ana Paula Vital, Ana Rita Bom, Inês Nobre Rasquilha e Isabel Maria Ferreira - Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Departamento de Terapêutica da Fala. Direitos de tradução cedidos pelo editor, apenas para fins de investigação (1997-05-01).

Imagem	Correcto	Ajuda Semântica	Ajuda Fonémica	Tipo de erro
1. <u>L</u> ápis (Algo com que se escreve)				
2. <u>C</u> opo (Bebe-se por isso)				
3. <u>C</u> amisa (Os homens usam isto)				
4. <u>M</u> açã (É um fruto)				
5. <u>C</u> hapéu (Usa-se na cabeça)				
6. <u>A</u> nel (Para o seu dedo)				
7. <u>M</u> eia (Usa-se no pé)				
8. <u>S</u> andes (Pode-se comer ao lanche)				
9. <u>E</u> nvelope (Para pôr uma carta dentro)				
10. <u>B</u> anana (Comprido e amarelo)				
11. <u>E</u> strela (Brilha no céu)				
12. <u>C</u> ão (Ladra)				
13. <u>S</u> aia (As mulheres usam-na)				
14. <u>C</u> ebola (Faz chorar)				
15. <u>C</u> olete (Usa-se por baixo do casaco)				
16. <u>G</u> ato (Ronra)				
17. <u>C</u> achimbo (Põe-se tabaco dentro)				
18. <u>B</u> anco (Algo para se sentar)				
19. <u>P</u> eixe (Nada no mar)				

Teste de Nomeação Armstrong - Análise

© 1996 Whurr Publishers

2/4

Imagem	Correcto	Ajuda Semântica	Ajuda Fonémica	Tipo de erro
20. <u>L</u> imão (É amargo)				
21. <u>M</u> artelo (Usa-se para bater no prego)				
22. <u>C</u> igarro (Fuma-se)				
23. <u>P</u> êra (É sumarento)				
24. <u>C</u> orrente (Feito de elos de metal)				
25. <u>E</u> scada (Sobe-se)				
26. <u>S</u> eta (Mostra a direcção)				
27. <u>P</u> rego (Bate-se com o martelo)				
28. <u>S</u> ino (Algo que badala)				
29. <u>B</u> orboleta (Insecto bonito que voa)				
30. <u>R</u> égua (Serve para medir)				
31. <u>C</u> avalo (Monta-se)				
32. <u>B</u> oneco de Neve (Crianças fazem-no com neve)				
33. <u>C</u> have de Fendas (os carpinteiros usam)				
34. <u>B</u> arril (Armazena cerveja)				
35. <u>C</u> oelho (Vive numa toca)				
36. <u>V</u> ela (É feita de cera)				
37. <u>T</u> orradeira (Põe-se pão lá dentro)				
38. <u>G</u> uitarra (Instrumento com cordas)				

Teste de Nomeação Armstrong - Análise

Teste de Nomeação Armstrong - Análise

Imagem	Correcto	Ajuda Semântica	Ajuda Fonémica	Tipo de Erro
39. <u>T</u> ambor (Bate-se nisto com baquetas)				
40. <u>A</u> nanás (Fruto tropical)				
41. <u>C</u> ogumelo (Fungo que se come)				
42. <u>M</u> ocho (Ave nocturna)				
43. <u>C</u> oroa (A rainha usa isto)				
44. <u>E</u> lefante (Tem uma tromba)				
45. <u>C</u> amelo (Vive no deserto)				
46. <u>C</u> anguru (Tem uma bolsa)				
47. <u>T</u> renó (Para deslizar na neve)				
48. <u>S</u> apo (Coacha)				
49. <u>P</u> apagaio de papel (Voa com o vento)				
50. <u>C</u> obra (Síbila)				

Comentários:

ANEXO D

Quadro 1: Tipos de resposta na tarefa de nomeação (Coutinho, Martins, Ruivo e Vieira, 2012, adaptado de Budd et al., 2010; Coutinho, 2005; Ortiz, 2005; Lopes de Sousa, s.d)

TIPOS DE RESPOSTA	DEFINIÇÃO
Nomeação Espontânea	Nomeação correta sem qualquer ajuda (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010).
Resposta com Ajuda Semântica (RAS)	Nomeação correta após ajuda semântica (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010).
Resposta com Ajuda Fonémica (RAF)	Nomeação correta após ajuda fonémica (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010).
Parafasias (Pf)	Produções não intencionais de sílabas ou palavras durante o discurso (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010), podendo apresentar-se nas seguintes formas: <i>parafasia verbal</i> (PV) - troca de palavra na produção oral, sendo impossível identificar a sua relação quanto à forma e ao conteúdo (Ortiz, 2005); <i>parafasia fonémica</i> (PF) - substituição de sons, mantendo-se a palavra produzida semelhante à pretendida (Martins, 1997, citado por Cardoso, 2010). Esta caracteriza-se por uma inadequação na seleção ou combinação dos fonemas na cadeia da fala, podendo manifestar-se em trocas, omissões ou acréscimos de fonemas ou de sílabas (Ortiz, 2005). Estes erros podem também apresentar-se como supressões, substituições, inserções e transposições de fonemas da palavra-alvo, preservando-se pelo menos uma sílaba correta (Budd, <i>et al.</i> , 2010); <i>parafasia semântica</i> (PS) - troca de uma palavra por outra, estando as duas relacionadas semanticamente (Ortiz, 2005).
Superordenação (S)	Utilização de termos gerais para nomear o estímulo, como palavras superordenadas (Huff, 2001, citado por Brandão, 2005, citado por Cardoso, 2010). O sujeito nomeia a categoria semântica do estímulo (Coutinho, 2005). A resposta é correta mas muito generalizada (ex. “animal” para “cão”) (Budd, <i>et al.</i> , 2010).
Circunlóquio (C)	Produção de aproximações, sinónimos e descrições de um tema na tentativa de produzir a palavra alvo (Martins, 1997, citado por Coutinho, 2005). O sujeito fornece múltiplas respostas com conteúdo relevante para descrever o alvo (ex: “serve para trabalhar” para “mesa”) (Budd, <i>et al.</i> , 2010) e rodeia o assunto para suprir a falta de acesso lexical (Lopes de Sousa, s.d.).
Perseveração (Pe)	Repetição desnecessária e frequente de fonemas, palavras ou frases curtas (Martins, 1997, citado por Cardoso, 2010). Budd, <i>et al.</i> (2010), especificam estas respostas como a repetição de uma resposta utilizada para nomear 1 das 5 imagens anteriores, independentemente de estar correta.
Palavras Debaixo da Língua (PDL)	O sujeito reconhece a imagem e sabe a palavra que quer dizer mas não é capaz, podendo mesmo referir “tenho a palavra debaixo da língua” (Vasconcelos, 2002, citado por Coutinho, 2005).
Neologismo (N)	Sequências fonémicas que obedecem às regras da língua, assemelhando-se a palavras inexistentes na língua, que não são compreendidas nem reconhecidas pelos interlocutores como palavras, muito menos dicionarizadas (Ortiz, 2005, citado por Cardoso, 2010). Para Martins (1997), citado por Coutinho (2005), estas respostas são inúmeras substituições de sons que resultam em pseudopalavras.
Não reconhece (NRc)	O sujeito não reconhece o estímulo (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010).
Má Perceção Visual (MPV)	O erro deve-se a má perceção visual e não a dificuldades de acesso lexical (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010). Dentro deste tipo de resposta, Budd, <i>et al.</i> (2010) especificam os seguintes subtipos: <i>erros de ambiguidade visuo-semântica</i> (MPV-AVS) - erros que tanto podem ser perceptivos como semânticos visto as respostas serem da mesma categoria semântica e visualmente semelhantes à imagem-alvo (ex. “raposa” para “cão”); <i>erros visuais por hiponímia</i> (MPV-EVH) - a resposta é parte do estímulo-alvo (ex. “edifício” para “cidade”).
Não Responde (NRp)	O sujeito não responde ao estímulo fornecido (Coutinho, 2005; Cardoso, 2010), não sabe o nome ou fornece respostas vagas (ex. “aquela coisa”) (Budd, <i>et al.</i> , 2010).
Pausa Anômica com Resposta Correta (PA c/ RC)	Nomeação correta após tempo de latência para nomear o estímulo por dificuldade na evocação lexical (Martins, 1997, citado por Cardoso, 2010).
Pausa Anômica sem Resposta Correta (PA s/ RC)	Nomeação incorreta após tempo de latência para nomear a imagem por dificuldade na evocação lexical (Martins, 1997, citado por Cardoso, 2010).
Autocorreção: aproximações (Conduites d’ Approche)	“Autocorreções de erros, através de múltiplas tentativas parafásicas até se produzir a palavra desejada” (Martins, 1997, citado por Coutinho, 2005).

ANEXO E

Teste de Raciocínio Não Verbal de Butt

Nome _____ DN _____ Data _____

Teste de Rastreio			
Maçã 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/>	Cão 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/>	Tesoura 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/>	Casaco 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/>
		1 ___ / ___	2 ___ / ___

Teste RNVB

				Comentários
Exemplo	Mãos sujas	Sabão	Envelope almofadado	
		Pasta de dentes	Chapéu	
1	Dedo cortado	Radio	Penso	
		Bolacha	Fita cola	
2	Barba	Gilete	Galinha	
		Colher de chá	Cortador de relva	
3	Dor de cabeça	Alfinete	Aspirina/Comprimidos	
		Pote de doces	Ligadura	
4	Olhos franzidos	Máscara	Pato	
		Bengala	Óculos	
5	Cansado	Cama	Carrinho/Reboque	
		Borboleta	Banco	
6	Café entornado	Cachecol	Avião	
		Pano	Vassoura e pá	
7	Comer refeição	Lápis	Faca e garfo	
		Candeeiro	Tessoura	
8	Lápis partido	Afia-lápis/Apara-lápis	Machado	
		Narciso	Cunha de madeira	
9	Botão solto	Galochas	Corda de saltar	
		Cola	Agulha e linha	
10	Chávena e pires partidos	Árvore	Graxa	
		Vassoura e pá	Mala e chapéu de chuva	

RNVB Total _____
 Visual Total _____
 Semântico Total _____
 Não relacionado Total _____
 Sem resposta Total _____

Copyright © Pamela A. Butt & Romola S. Bucks, 2004

Tradução e adaptação para Português Europeu de Ana Paula Vital & Catarina Ramos (2013), Universidade Atlântica.

ANEXO F

Folha de Registo das Questões Orais do BNVR

Código de Identificação _ _ _ _

(a preencher pela Aluna
Investigadora)

A- Tente recordar-se o que pensou para esta imagem. Como resolveu o problema/encontrou a solução	B- Teria outra resposta para resolver a situação?
1-	
2-	
3-	
4-	
5-	
6-	
7-	
8-	
9-	
10-	
11-	

Andreia Pratas, Marta Casta e Paula Vital (2014) – Universidade Atlântica
Contactos: 914381206, andwep@msn.com; 914321977, MartaFK_23@hotmail.com; 214398285, pvital@uatlantica.pt

